





S E S C

www.sesc.com.br/palcogiratorio



SESC | Serviço Social do Comércio Rio de Janeiro Março 2011

SESC | Serviço Social do Comércio

Presidência do Conselho Nacional Antonio Oliveira Santos

Departamento Nacional

Direção-Geral

Maron Emile Abi-Abib

Divisão Administrativa e Financeira

João Carlos Gomes Roldão

Divisão de Planejamento e Desenvolvimento

Álvaro de Melo Salmito

Divisão de Programas Sociais

Nivaldo da Costa Pereira

Consultoria da Direção-Geral

Juvenal Ferreira Fortes Filho

Luís Fernando de Mello Costa

Edição Assessoria de Divulgação e Promoção | Direção-Geral

Gerência Christiane Caetano

Coordenação editorial Jane Muniz

Produção editorial Duas Águas Editoração e Consultoria

Projeto gráfico Ruth Lima

Produção gráfica Celso Clapp

Editoração Conceito Comunicação Integrada

Revisão Clarissa Penna

Fotos Divulgação e arquivo dos grupos

Realização SESC-DN

Av. Ayrton Senna, 5.555 – Jacarepaguá – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 22775-004

Telefone: (21) 2136-5555

www.sesc.com.br

Impresso em março de 2011 Reprodução proibida

Palco Giratório, 2011 : Rede Sesc de Difusão e Intercâmbio das Artes Cênicas.

- Rio de Janeiro : SESC, Departamento Nacional, 2011.

108 p.: il.; 23 x 30 cm.

ISBN 978-85-89336-58-1

1. Artes cênicas - Catálogos. 2. Palco Giratório. I. SESC.

Departamento Nacional.

CDD 790.2

COORDENAÇÃO GERAL DO PALCO GIRATÓRIO

Gerência de Cultura Gerente Márcia Leite

Equipe de Artes Cênicas do SESC-DN Marcos Henrique Rego Raphael Vianna

CURADORIA 2011

Alessandra Britez – DR/TO Álvaro Fernandes - DR/PB Ana Paolilo - DR/BA André Santana - DR/SE Bruna Hetzel - DR/RN Clodoaldo Arruda - DR/MT Colette Dantas - DR/ES Dane de Jade - DR/CE Débora Belotti – DR/PR Ednea Barbosa - DR/GO Fabiano Tertuliano - DR/RO Fernando Penido – DR/MG Francisco Araújo - DR/MS Francisco Pinheiro - DR/RR Galiana Brasil - DR/PE Genário Dunas - DR/AP Isoneth Almeida - DR/MA Jane Schoninger - DR/RS Marcos Henrique Rego - DN Marcus Vinicius - EESP Marques Alves - DR/AC Maria do Livramento - DR/PI Maria Teresa Piccoli - DR/SC Michela Bezerra - DR/PA

OBSERVADORES

Neuza Rita — DR/AM Raphael Vianna — DN Rogero Torquato — DR/DF

Sidnei Carvalho - DR/SP

Thiago Sampaio – DR/AL Viviane Soledade – ESEM

Anderson Correia – DR/SE
Andressa Cristina Romão – DR/RO
Flávia Leite – DR/MT
Francisco Noronha – DR/PB
Josenira Rosa Fernandes – EESP
Vera Aparecida Vieira – DR/RR

APRESENTAÇÃO



Há mais de seis décadas o SESC trabalha no sentido de proporcionar aos trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo uma melhor qualidade de vida, por meio de uma atuação de excelência nas áreas de educação, saúde, cultura e lazer. São iniciativas edificantes, promovidas nacional e regionalmente, que traduzem a contribuição do empresariado ao desenvolvimento socioeducativo da nação.

Apoiar manifestações que contribuam para a criação artística e intelectual; estimular projetos de interesse público, especialmente os que circulam à margem do mercado; democratizar a cultura nacional promovendo o acesso aos bens culturais são objetivos cotidianos da Entidade. O Projeto Palco Giratório reflete bem esse compromisso e se consolida, a cada ano, como um registro histórico das artes cênicas em nosso país.

A cultura, para o SESC, tem um significado dos mais importantes, sendo considerada estatuto essencial à afirmação da identidade brasileira. Nesse sentido, o trabalho que o SESC desenvolve busca atingir as mais diversas comunidades e difundir toda a riqueza cultural do nosso país.

Antonio Oliveira Santos

Presidente do Conselho Nacional do SESC



A FORÇA DA DIVERSIDADE

O SESC é reconhecido como um dos principais agentes de difusão das artes cênicas no Brasil, mantendo-se fiel ao compromisso de promover a melhoria da qualidade de vida do trabalhador do comércio de bens, serviços e turismo. E, quando ultrapassa fronteiras territoriais, o papel transformador da produção cultural, exaltado em suas ações e projetos, assume proporções inusitadas.

Por perceber na diversidade a riqueza de nossas raízes culturais, o SESC apoia manifestações artísticas que contribuam para a liberdade de expressão e criação, bem como estimula a realização de projetos de interesse público que contemplam a democratização da arte brasileira. Coerente com esses princípios, a Entidade criou há 14 anos o projeto Palco Giratório, circuito de artes cênicas — único do gênero no país — que mostra o Brasil para o Brasil.

A inspiração adveio do questionamento do SESC sobre as dificuldades de acesso aos saberes, informações e tecnologias — próprios à produção artística — que, de um modo geral, na maioria das localidades brasileiras, têm contribuído para limitar ou tornar as manifestações culturais reiterativas de fórmulas ou formas já desgastadas.

Diante desse cenário, o projeto Palco Giratório permitiu, ao longo de sua trajetória, que todas as regiões do país participassem de uma rede de distribuição e recepção de bens culturais, conjugando atividades formativas e de fruição. Hoje, consolidado como iniciativa das mais relevantes para a cultura no país, o projeto apresenta a arte genuína, regional, rica na sua brasilidade, uma mistura de sotaques com a marca da diversidade.

Assim é o Palco Giratório: um amplo agregador de bens culturais diversos; um conjunto de atividades, composto por apresentações artísticas, oficinas, palestras, intercâmbios, festivais e mostras de arte e cultura, que transforma o cotidiano das cidades por onde passa.

Maron Emile Abi-Abib

Diretor-Geral do Departamento Nacional do SESC



INTRODUÇÃO

Nos últimos 14 anos, o Palco Giratório vem trabalhando com êxito na difusão das artes cênicas brasileiras e na democratização do acesso à cultura. Teatro de bonecos e de rua, para infância e juventude, circo, dança e muitas outras manifestações artísticas tomam espaços convencionais e não convencionais, por todo o país, em uma importante rede de intercâmbio cultural.

Mais do que entretenimento, essa iniciativa proporciona a troca de experiências e vivências entre os artistas e demais integrantes da cadeia produtiva das artes cênicas. De abrangência nacional, o Palco Giratório difunde informações sobre metodologias de trabalho, formas de produção, diretrizes estéticas e reciclagem profissional.

No plano social, o projeto busca a intensificação do processo de educação dos sentidos dos cidadãos-espectadores, por meio de conversas com o público, mesas-redondas com temas ligados ao universo das peças, intervenções urbanas e muitas outras atividades formativas.

O Palco Giratório perpetua hoje a tradição mambembe, normalmente vinculada a gerações anteriores de atores que percorriam o Brasil com seus espetáculos, por meio de alternativas próprias ou aproveitando as que o mercado oferecia. Sai do tradicional eixo sul, consolidando novas praças e ampliando as plateias. Esses caminhos resultam na difusão da rica diversidade cultural de nosso país, que deve ser pesquisada e trabalhada.

Neste catálogo, destacamos a arte circense, sobre a qual discorre Erminia Silva, um dos nomes expoentes no tema. No artigo "O novo está em outro lugar", a pesquisadora aponta para a importância do circo, presente no cotidiano de inúmeras cidades e que, como o Palco Giratório, utiliza de sua capilaridade e mistura de manifestações artísticas para disseminar a cultura brasileira. Além disso, convidamos os representantes dos grupos Moitará e Imbuaça, participantes do Circuito 2011, para nos contar sobre suas experiências com o Palco Giratório e o que o projeto acrescentou como contribuição para suas trajetórias profissionais.

Coordenação Geral do Palco Giratório

·	1



das ruas Lindolfo Amaral

AMOK	. 28
Rio de Janeiro	
ARMATRUX	.32
Minas Gerais	
CAIXA DO ELEFANTE Rio Grande do Sul	.36
	4.0
Cla. DITA Ceará	.40
CIA. DO TIJOLO	.44
São Pa <mark>ulo</mark>	
CIA. POLICHINELO	.48
São Paulo	
COLETIVO LUGAR COMUM Pernambuco	.52
CORPO DE DANÇA DO AMAZONAS	56
Amazonas	. 50
GRUPO DELÍRIO	.60
Paraná	
IMBUAÇA Sergipe	.64
IN.CO.MO.DE-TE Rio Grande do Sul	.68
MÃO MOLENGA TEATRO DE BONECOS	.72
Pernam <mark>buco</mark>	
MOITARÁ Rio de Janeiro	.76
NAMAKACA São Paulo	.80
PERSONA CIA. DE TEATRO & TEATRO EM TRÂMITE	.84
Santa Catarina	
TEATRO INDEPENDENTE	.88
Rio de Janeiro	
PROGRAMAÇÃO	
ATIVIDADES PARALELAS	100
GRUPOS E ESPETÁCULOS QUE JÁ PASSARAM PELO PALCO GIRATÓRIO	100
JA PASSARAW PELU PALCU GIRATURIU	ıUZ



A PESQUISADORA PONTO DE ENCONTRO OS ARTISTAS



O NOVOLESTÁ EM OUTRO LUGAR

Erminia Silva*

As artes circenses, hoje, são constituídas por uma multiplicidade de agentes, modos de organização do trabalho, formas de produção e lugares de apresentação que fazem com que adquiram uma capilaridade única, diferente de alguns períodos históricos anteriores.

*Filha de Barry Charles Silva e Eduvirges P. Silva, quarta geração circense no Brasil, graduou-se em História na Universidade Estadual de Campinas, em 1994. Defendeu dissertação de mestrado sob o título *O Circo: sua arte e seus saberes*, em 1996, que se transformou no livro *Respeitável público... o circo em cena*, lançado em dezembro de 2009 pela Edições Funarte. Defendeu tese de doutorado em 2003, publicada pela Editora Altana em 2007, sob o título *Circo-teatro: Benjamim de Oliveira e a teatra-lidade circense no Brasil*. É uma das mais importantes pesquisadoras de circo do Brasil.

No entanto, quando artistas, pesquisadores e produtores sentem a necessidade de definir que tipo de artistas circenses são ou em qual categoria se encaixam, enquadram essa multiplicidade de lugares, saberes, relações, trocas, principalmente do circense brasileiro, em apenas duas únicas formas de visão histórica: ou são contemporâneos, pois não são da lona, ou são tradicionais, pois são da lona. Como se o cotidiano da vivência e da produção das artes fosse passível de definições tão dicotômicas. Em última instância, parece-me que a questão é esta: por que o agente precisa ser reconhecido dentro de uma categoria com fronteiras muito bem delimitadas? Com isso pensa estar produzindo uma definição que obedece aos critérios estéticos e não só de origem (lona, família, tradição).

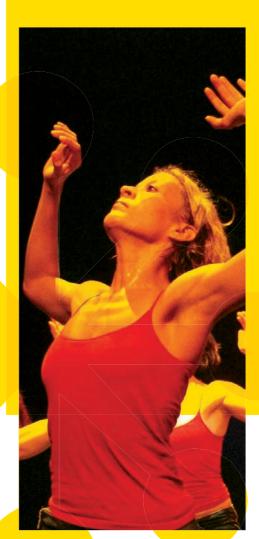
"Novos, contemporâneos" e "tradicionais" disputam o poder dos saberes. Os primeiros dizem, inclusive, que estão do lado do "discurso científico", enquanto os segundos creem que são herdeiros diretos da tradição e, com isso, os únicos conhecedores de fato do que é ser circense.

Não há dúvida de que os processos de formação e organização do trabalho nos vários modos de se constituir artista circense, em particular nesses dois grupos, são distintos. Mas esses processos distintos, com diferentes lugares, pessoas, técnicas, tecnologias e metodologias, não garantem por si que sejam tão distintos. Quando abrimos o foco para a produção da linguagem circense, nada mais tradicional que um novo.

É obvio que em todo processo histórico de constituição, qualquer grupo social passa por transformações, mas quando os circenses apontam suas diferenças querem sugerir que estão baseados naquilo que gera um espetáculo com essa ou aquela estética, com diferenças tecnológicas que fariam um artista ser novo ou tradicional.

Entretanto, quando falamos em qualquer produção artística (circo, pintura, escultura, dança, música, teatro etc.), mudanças, transformações e permanências dão sentido a todas elas.

Tanto de um lado como do outro, os discursos dos dois grupos apontam para "quando tudo começou", e, como regra, sempre a partir deles mesmos: os tradicionais são os legítimos



representantes das artes circenses; os que iniciaram formação e aprendizagem fora da lona ou de um grupo familiar itinerante são os legítimos fundadores de uma "nova" forma de fazer circo que "não deve nada ao antigo e tradicional circo".

Ambos os grupos desconhecem o processo histórico de constituição das artes circenses. Ao longo de quase 300 anos de existência dessas artes, incontáveis vezes artistas, grupos, empresários, produtores, diretores, inventaram, transformaram, mudaram a forma de se fazer circo. Se analisarmos o cotidiano da produção circense nesses três séculos, vemos que os espetáculos e os números passaram por estéticas, configurações, incorporações tecnológicas tantas vezes, que é possível afirmar que os homens, mulheres e crianças que estiveram presentes na construção do circo, desde o final do século XVIII até hoje, independentemente do lugar e do modo como se deu a transmissão, mantiveram a característica da linguagem circense como um método pedagógico que se define em um processo de produção constante de saberes e fazeres. Uma escola permanente foi o que manteve o circo na moda.

Mas, então, não existe o novo? É claro que sim, mas não onde é apontado: na estética, no espaço onde ele trabalha (seja no picadeiro, no palco, na rua, na praça, no ginásio, no galpão etc.), pois a produção circense sempre foi e deve ser um diálogo tenso e constante com as múltiplas linguagens artísticas de seu tempo. É no processo de ensino-aprendizagem e no modo de organização do trabalho que se passam as transformações.

Breve contextualização histórica do circo no Brasil

O advento das escolas de circo no mundo, assim como no Brasil, é o fato realmente novo na história dessa arte: antes, os saberes do circo eram passados na lona, nas escolas permanentes e itinerantes que eram os circos itinerantes; hoje, cada vez mais artistas se fixam em determinada cidade e passam seu conhecimento em troca de remuneração, quando não estão inseridos em projetos governamentais e não governamentais, com um salário. É um modo de produção distinto daquele das relações de formação e de trabalho que se estabelecia (e ainda se estabelece) nos circos-famílias.

Naturalmente, essas novas formas de inserção das escolas nas cidades proporcionaram um crescimento no número de artistas no mercado.

Há no Brasil, hoje, perto de uma centena de escolas de circo, entendidas como estabelecimentos ou iniciativas que, embora possam não ter sede própria, ministram aulas de algumas técnicas circenses regularmente.

Há escolas em todas as regiões do país, de todos os formatos, estilos e capacidades: profissionalizantes, de lazer, de cunho social e, portanto, gratuitas; escolas caras, baratas, que funcionam em espaços públicos, em espaços privados, que têm muitos professores ou apenas um professor.



Na segunda metade da década de 1980, com as primeiras experiências de escolas de circo no Brasil, surgiram propostas de desenvolvimento de projetos sociais — de iniciativa de grupos governamentais e de organizações não governamentais —, que viam no aprendizado circense em geral, e não somente nas técnicas, uma forma de educação/recreação/cidadania. Na sua maioria, essas ações eram (e ainda são) destinadas a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, desvinculadas ou não de processos educacionais, sociais e culturais, sem oportunidade de acesso a lazeres e entretenimentos.

Essas experiências, denominadas de circo social, privilegiam linguagens artísticas, especialmente a circense. O circo, entendido como todo o conjunto de saberes presentes em sua elaboração, enquanto linguagem, é utilizado como instrumento de aproximação/motivação dos grupos com que se deseja trabalhar, tendo em perspectiva o seu uso como ferramenta pedagógica de valorização dos diferentes saberes dos educandos, como parte da experiência de vida dos mesmos.

Pensar na utilização da linguagem circense como ferramenta no processo pedagógico, incluindo a música, o teatro, a dança, a capoeira, a cenografia e o figurino é, portanto, voltar-se para um novo sentido de produção coletiva do saber.

Aprender a fazer circo, pensado como uma atividade entre as culturais, artísticas e esportivas, pode fazer das meninas e meninos *aprendizes/mestres permanentes*, características definidoras do circo-família.

É importante destacar que o uso da linguagem circense como ferramenta pedagógica não toma o circo como algo que está "naturalmente" inscrito no campo social, devido aos seus valores

"universalmente compartilhados", como solidariedade, sentido de responsabilidade e respeito. Pois, como ferramenta ou dispositivo pedagógico, a aprendizagem da linguagem circense não é isenta da maneira como é pedagogicamente utilizada, sendo totalmente dependente dos sujeitos que a operam e de seus projetos societários; portanto, não há um sentido necessariamente positivo no uso dessa linguagem, por si só.

Quando um jovem torna-se muito bom num determinado número, o campo de oferta nessa área é tão amplo que um novo desafio se coloca, tornando-o aprendiz em outra área, como: tocar um instrumento, representar no teatro ou mesmo ser autor das peças e músicas, participar da confecção do figurino, da cenografia, da iluminação, da produção do espetáculo.

Ao mesmo tempo em que a criança e o adolescente estão aprendendo um novo campo do saber/fazer, eles também poderão se transformar em mestres daquilo em que se tornaram virtuosos. Toda essa forma de construção dos saberes atende a pessoas de todas as idades e faixas sociais, que podem ou não desenvolver atividades físicas. Nesse modo de educação permanente, como na tradição do circo-família, não há criança, adolescente, adulto ou idoso excluído do processo de produção da magia.

Acrescente-se a esses novos modos de produção da linguagem circense — a escola de circo e o circo social —, o circo feito e estudado na academia. Somente na década de 1970 é que o tema circo foi foco de pesquisa universitária. Alguns pesquisadores da Universidade de São Paulo, em suas pesquisas para mestrados e doutorados nos cursos de História, Ciências Sociais, Política e Antropologia, voltaram-se para o estudo dos lazeres da classe operária e escolheram o circo como meio para chegar ao que essa classe fazia quando não estava nas fábricas. Utilizando metodologias da sociologia e antropologia, localizaram diversos circos que estavam na periferia da cidade de São Paulo e iniciaram suas pesquisas por meio da observação do cotidiano dos circenses, assistindo aos espetáculos, bem como os entrevistando.

Entretanto, somente a partir da década seguinte, até como resultado de um intenso trabalho de militância política/pesquisa/ação de muita gente, houve um aumento da pesquisa sobre o circo nas universidades.

Ficou por conta dos vários profissionais/artistas circenses não ligados à academia, mas vinculados a processos pedagógicos de formação nessa área, como as escolas de circo e a própria Escola Nacional de Circo, no Rio de Janeiro, ampliarem suas ferramentas voltadas para alunos oriundos dos mais diversos lugares da sociedade. Eram e são o que denomino de novos sujeitos históricos, sociais, políticos e culturais circenses, pois já tinham formações circenses, mas não se vinculavam a nenhum grupo familiar. Muitos daqueles alunos eram (ou são) universitários de institutos de artes cênicas (teatro, dança), de música, de educação física, de história, jornalismo, arquitetura, entre outros que ainda desconhecemos.



Mesmo que ainda não haja um acompanhamento em quantidade do corpo docente nos cursos de artes, há um aumento significativo de alunos aprendendo e fazendo circo. Isso gerou, nesses últimos 15 anos, um aumento proporcional de trabalhos de iniciação científica, monografias de conclusão de cursos, mestrados e doutorados voltados para a pesquisa das artes circenses em todas as cidades brasileiras que possuem *campus* universitário. Para se entrar em contado com uma pequena mostra dessa produção acadêmica, sugere-se pesquisar o *link* "Biblioteca Virtual — Trabalhos Acadêmicos" do www.circonteudo.com.br, *site* que eu e Marcelo Meniquelli coordenamos.

À parte dos estudos universitários, houve iniciativas de pesquisadores que geraram trabalhos de referência, como Alice Viveiros de Castro e Verônica Tamaoki, por exemplo. A primeira, com vínculo de militância política e cultural voltada para o circo e a segunda, aluna da primeira turma de escola de circo fora da lona no Brasil (a Academia Piolin de Artes Circenses). Não posso deixar de citar meu próprio trabalho, também dos primeiros a figurar nesse universo investigativo do circo.

Um dos fatos que ampliou significativamente as pesquisas sobre circo realizadas no Brasil por pesquisadores/artistas, acadêmicos ou não, foram as iniciativas públicas, nos últimos seis anos, que se voltaram para a área da cultura e possibilitaram ampliar as ações artísticas e de pesquisa em vários campos.

Na área circense numa conjugação de anos de militância política em prol de uma relação transparente dos investimentos no setor, em prol do fim de uma relação clientelista e em prol de políticas públicas voltadas exclusivamente para as artes circenses, a partir de 2001, foram instituídos os editais da Funarte. Um desses editais em particular foi o Prêmio Carequinha de Estímulo ao Circo, que possibilitou a expansão não só dos subsídios destinados à pesquisa, como também do

próprio significado, entre circenses tradicionais e novos, do que seja pesquisa. Não havia um entendimento de que quando se produz um número ou espetáculo há a necessidade de pesquisa. Desenvolveu-se, então, a compreensão da importância de se fazer a pesquisa dos processos históricos circenses brasileiros. Nesses últimos anos, o debate que temos realizado sobre a necessidade do reconhecimento do circo como patrimônio cultural brasileiro possibilitou não só que os novos entrassem em contato com a riqueza da história do circo no Brasil, mas também que os "tradicionais" revitalizassem sua memória.

Com todo esse caldo de movimentos voltados para a recuperação das memórias circenses, o tema do circo se fez muito presente no cotidiano das cidades, em toda sua capilaridade, principalmente no dia a dia dos vários artistas. Isso possibilitou tanto que os velhos circenses retornassem à cena quanto que surgissem novos sujeitos históricos, sociais, políticos e culturais realizando técnicas circenses nas ruas, semáforos, *shoppings*, festas *raves*, rodeios, desfiles de carnaval, boates, aniversários, casamentos. Enfim, não há praticamente, hoje, nenhum evento e espaço em qualquer município, independentemente do seu tamanho, onde não se veja uma pessoa desempenhando uma atividade artística circense. Até a década de 1970, a atividade circense era realizada quase que exclusivamente sob a lona.

Após o surgimento das escolas de circo e do circo social no Brasil, começaram a se difundir festivais, encontros, seminários, mostras, entre outros eventos dessa natureza, que possibilitaram, entre outras coisas, a ampliação da prática das artes circenses nas praças e ruas.

Com todo esse movimento, nos últimos 40 anos, no Brasil, o que se observa é que a linguagem circense, também chamada técnica ou atividade circense, tornou-se uma prática que transcendeu o ambiente do circo de lona e as próprias escolas especializadas. Nesse sentido, há muito tempo tem despertado interesse, em particular de academias de ginásticas e clubes, ampliando ainda mais o número de sujeitos praticantes dessas atividades.

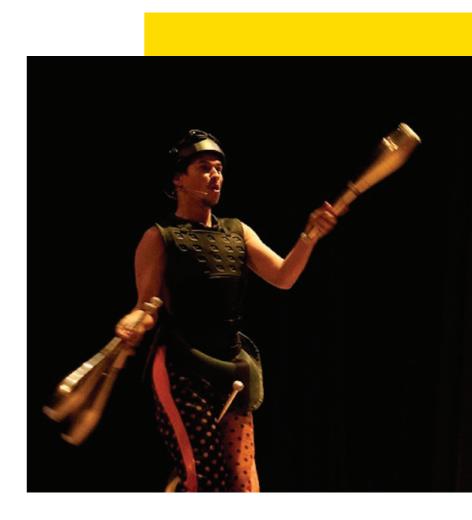
Os artistas formados no circo social e nas escolas de circo, que também se tornaram formadores nesses espaços, moradores fixos, desenvolvem novos modos de organização do trabalho. Esses desdobramentos têm criado novas necessidades para a produção do conhecimento sobre o circo, gerando novas demandas para a ampliação de pesquisas. Tudo isso é de fato novo na história do circo.

Os novos sujeitos históricos construtores desse rizoma que representa a linguagem circense, oriundos de escolas, do circo social, autodidatas, autônomos, que são moradores fixos das cidades, estabelecem relações sociais, políticas e culturais com as mesmas que os circenses do chamado circo itinerante ou tradicional não estabeleciam. O grupo circense chegava (e ainda chega) na cidade, bairro, vila ou rua, povoava a imaginação de todas as pessoas de qualquer classe social, mas depois de algum tempo ia embora. Esses novos fazedores de circo, que não vão embora como um itinerante, relacionam-se com os habitantes, procuram explorar cada evento, canto ou espaço para se apresentarem.

Nessas relações de afecções são construídas demandas políticas importantes, tanto para o nível local quanto nacional. Por exemplo, há hoje uma luta política por espaços públicos para apresentações, há envolvimento nos debates políticos das instâncias governamentais municipais, estaduais e federal, voltados para se conquistarem direitos nunca antes dirigidos aos grupos.

Nos últimos oito anos foi constituída, pela Funarte/Minc, a Câmara Setorial do Circo, que hoje é denominada de Colegiado. Também temos representantes circenses no Conselho Nacional da Cultura. No entanto, diferentemente de outros países, as relações políticas não são constituídas e produzidas apenas pelos novos sujeitos históricos, mas também com os circenses ditos tradicionais. Mesmo com debates tensos, há diálogo, produção conjunta, espetáculos, e todos participam dos mesmos palcos/picadeiros/praças.

O circo social, nos últimos 20 anos, reuniu uma grande quantidade de pessoas que fazem parte da luta pela cidadania. A Rede Circo do Mundo, composta por ONGs de circo social no Brasil inteiro, é uma das referências mais importantes na luta pelos direitos da infância, da educação etc., feita, muitas vezes, pelos mesmos jovens atendidos nessas instituições.

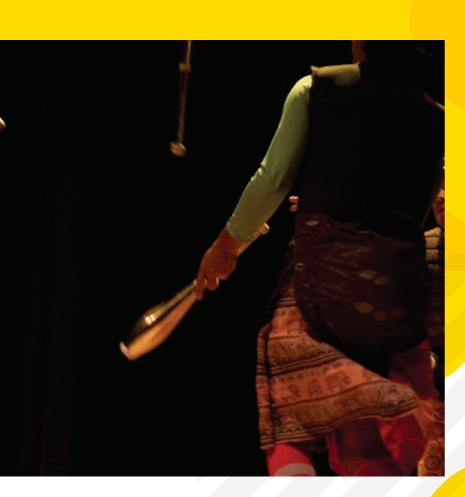


Por outro lado, hoje, para que os jovens artistas oriundos de escolas de circo, do circo social, autodidatas e autônomos possam ter minimamente uma inserção profissional, é necessário que adquiram conhecimento sobre os debates governamentais da área da cultura e da educação, que saibam disputar os editais de financiamento de projetos e, para isso, precisam aprender a escrevê-los, precisam procurar formação em autogestão, planejamento, execução de projetos etc.

Até a geração de meu pai, tudo isso se aprendia cotidianamente no processo de socialização/formação/aprendizagem. Quando da formação do circo-família, os aprendizes eram do grupo "família estendida circense", ou seja, todos eram de alguma forma "aparentados", e eram mais "protegidos" do que são os circenses, hoje, "fora da lona".

Nas escolas de circo e no circo social, a diversidade social, cultural e política dos grupos que vão aprender/fazer/brincar circo é de uma complexidade passível de muitos estudos e pesquisas sociológicas, antropológicas, educacionais, históricas, entre outras.

Assim, todos aqueles envolvidos no processo de formação têm que ser artistas/pedagogos/arte-educadores, pois a população aprendiz nesses espaços difere totalmente dos aprendizes do circo-família.



Além das questões pedagógicas, da formação e das políticas institucionais, há também as relações externas. Quer dizer, até pelo menos as décadas de 1950 e 1960 o circo-família "andava em cima de uma corda bamba", pois se de um lado tinha que desenvolver estratégias de atração dos "de fora", reafirmando para si e para aqueles que o circo era um espaço de realização artística, que portava magia e convidava ao fascínio, por outro, não podia deixar de tornar evidente, eotidianamente, que era família, tinha moral, e que realizava um trabalho, ainda que diferente. Não há como negar que na relação do circense com seu público desenvolvia-se uma arte de agradar como estratégia.

Os novos sujeitos circenses, moradores e fazedores de circo nas cidades, estabelecem uma relação distinta da dos circos itinerantes daquele período. Para aqueles, estava sempre presente a possibilidade de tensão e de conflito no contato com a sociedade envolvente, ainda que reconhecessem que maravilhavam e apaixonavam seus espectadores. Havia uma movimentação de resistência, porém com pouco sentido de coletivo.

A partir da consolidação dos artistas circenses urbanos, oriundos dos mais distintos setores econômicos, sociais, culturais e políticos da sociedade, foram se formando organizações políticas que disputam as várias frentes governamentais (municipal, estadual e federal) e da sociedade civil. Em 2003, quando se iniciou a reestruturação da então Associação Brasileira do Circo (Abrac), única entidade do gênero no Brasil naquele período, hoje denominada Abracirco, houve um encontro da diversidade circense brasileira: estavam presentes inimigos históricos, grupos que nunca se "bicaram", como escolas de circo e circos itinerantes ou tradicionais.

Atualmente, vêm se constituindo entidades representantes da classe circense em um número cada vez maior, sendo que a Associação de Famílias e Artistas Circenses (Asfaci, SP), a Cooperativa Paulista de Circo (SP), a Cooperativa de Circenses da Bahia (BA), a Rede Circo do Rio (RJ), a União Brasileira de Circo Itinerante (UBCI, SP) e a Associação Brasileira de Escolas de Circo (Aecirco, MG) estão entre as mais ativas, e possuem como associados circenses de todos os lugares: escolas, circo social, circo itinerante, proprietários, artistas empregados, autônomos, autodidatas, professores.

Aliás, é importante uma ressalva: pelo que tenho visto de experiências fora do Brasil, são poucos os países nos quais os grupos que, mesmo tendo tensões e diferenças significativas, procuram manter pontos de contato, como aqui.

Mesmo porque os principais mestres formadores da maioria dos circenses nas escolas de circo e que estiveram na formação dos projetos de circo social são orlundos do chamado tradicional, quase que produzindo um certo lastro comum entre todos.

Entre a maioria dos circos itinerantes existentes hoje, observa-se que há proprietários de circo, em geral com suas famílias, que contratam outras famílias e/ou artistas que trabalham sozinhos. Poucos empresários circenses, no entanto, se responsabilizam pelo ensino/formação das crianças do circo tanto para se tornarem artistas quanto para sustentarem vínculos com as instituições escolares. Mas é importante entender que, apesar do significado do que era ser um "artista completo", a definição de artista circense não está mais pautada na filosofia dos grupos circenses itinerantes, mesmo que os artistas de hoje sejam formados por grupos familiares.

Ao contrário desse modo de organização do trabalho, os artistas circenses oriundos de escolas, do circo social, autodidatas etc.



raramente têm como perspectiva de futuro trabalhar em um circo itinerante. Na sua maioria, realizam seus trabalhos nos múltiplos espaços das cidades. Além disso, participam e organizam eventos, festivais, encontros, entre outros. Formam grupos (de dois, três, até mais artistas) e criam espetáculos como forma de apresentações. A quantidade de grupos e artistas individuais circenses hoje, no Brasil, supera, e muito, a quantidade de circos itinerantes de lona. Muitos deles se vinculam também a projetos sociais como professores, monitores, diretores etc.

Dentre esses grupos, alguns têm projeção nacional e internacional, como: Parlapatões, Patifes e Paspalhões, Circo Mínimo, Teatro de Anônimo, Intrépida Trupe, La Mínima, Afro Circo Cantagalo, ligado ao Grupo Cultural AfroReggae, Troupe da Escola Pernambucana de Circo, As Marias da Graça, Corpo Mágico, Seres de Luz, Circovolante (para uma mostra um pouco maior, ver o link "Artes e Artistas" do site Circonteúdo). Em sua maioria, são grupos que constituem microempresas ou ONGs e, nesse sentido, estão institucionalmente mais organizados que a maioria dos circos itinerantes, que ainda encontram muitas dificuldades, de muitas

ordens, inclusive econômica, para conseguirem minimamente o registro do CNPJ.

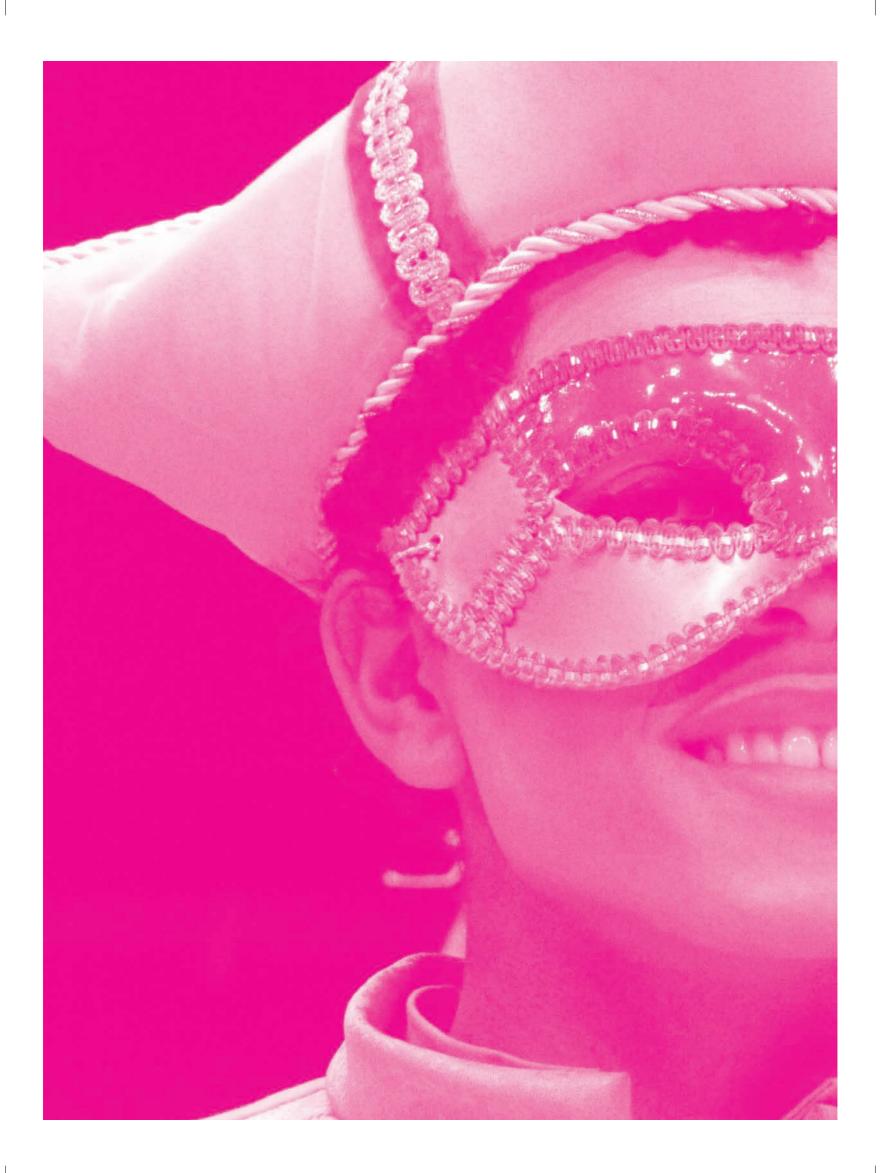
Há no Brasil, um caso interessante, o do Circo Zanni, formado por diversos grupos constituídos legalmente e que formaram uma espécie de cooperativa. Durante alguns períodos se juntam, produzem um espetáculo por ano e possuem uma lona com capacidade para em torno de 500 espectadores.

Para concluir, gostaria de lembrar que há 300 anos a linguagem circense, em seu modo rizomático de se constituir, passou por transformações amenas e radicais. São muitos os exemplos de diferentes modos de produção do espetáculo que só confirmam a ideia de que para ser considerado mesmo um artista circense é preciso ser contemporâneo sempre — seja em 1850, 1900 ou 2011.

Quem não consegue estar em sintonia e sinergia com seu tempo cultural/artístico, está engessado, sem movimento.

Não podemos dizer isso de nossos antepassados ligados ao circo, muito pelo contrário.

Ser circense contemporâneo quer dizer viver no mesmo tempo, no tempo atual. Ou seja, quando alguém me diz "sou circense contemporâneo" está querendo dizer que vive no mesmo tempo histórico do Circo Spacial, do Circo Zanni, do Circo do Fuxiquinho (do Rio Grande do Norte), dos artistas do semáforo, das ruas e praças, dos tradicionais que voltaram a se apresentar nas escolas de circo, dos artistas do circo social. Enfim, quer dizer muito ao mesmo tempo em que não explica nada. Em algo os novos artistas do circo não diferem do que havia antes deles: são exatamente iguais aos seus antepassados, são produtores do novo o tempo todo. Ter como característica a contemporaneidade — em sua expressão estética, artística e tecnológica, não é uma novidade, é constitutivo.



LONGA ESTRADA LONGA ESTRADA

O Grupo Imbuaça participou da primeira edição do Palco Giratório, em 1998, com o espetáculo *A barca do inferno*, texto de Gil Vicente e direção de João Marcelino. Fez cinco apresentações no interior de Pernambuco (Olinda, Caruaru, Garanhuns, Arcoverde e Petrolina), uma experiência muito interessante. O contato com os diversos grupos, além da observação de como se comporta cada cidade quando recebe um espetáculo de rua, produziu uma reflexão interna muito boa, que ainda hoje rende muitas conversas.

Em 2011, o Imbuaça celebra 34 anos de trabalho ininterrupto, e volta a se apresentar pelo Brasil afora, em nova edição do Palco Giratório. Sempre em busca do diálogo entre a tradição e a modernidade no sentido mais amplo possível, tomando as manifestações populares como grande fonte de pesquisa de linguagem.

O Palco Giratório vem dando uma grande contribuição para o teatro brasileiro, ampliando as fronteiras, difundindo as diferentes formas de fazer teatro e possibilitando a circulação de espetáculos que, em sua maioria, não têm o apelo único e exclusivo do chamado "teatro comercial". É uma via de acesso à diversidade cultural dos diversos brasis, gerando uma reflexão bastante profícua para os trabalhadores de Teatro de Rua em um país de dimensões continentais como o nosso e que, como tal, tem uma série de problemas quanto ao reconhecimento dessa linguagem artística.

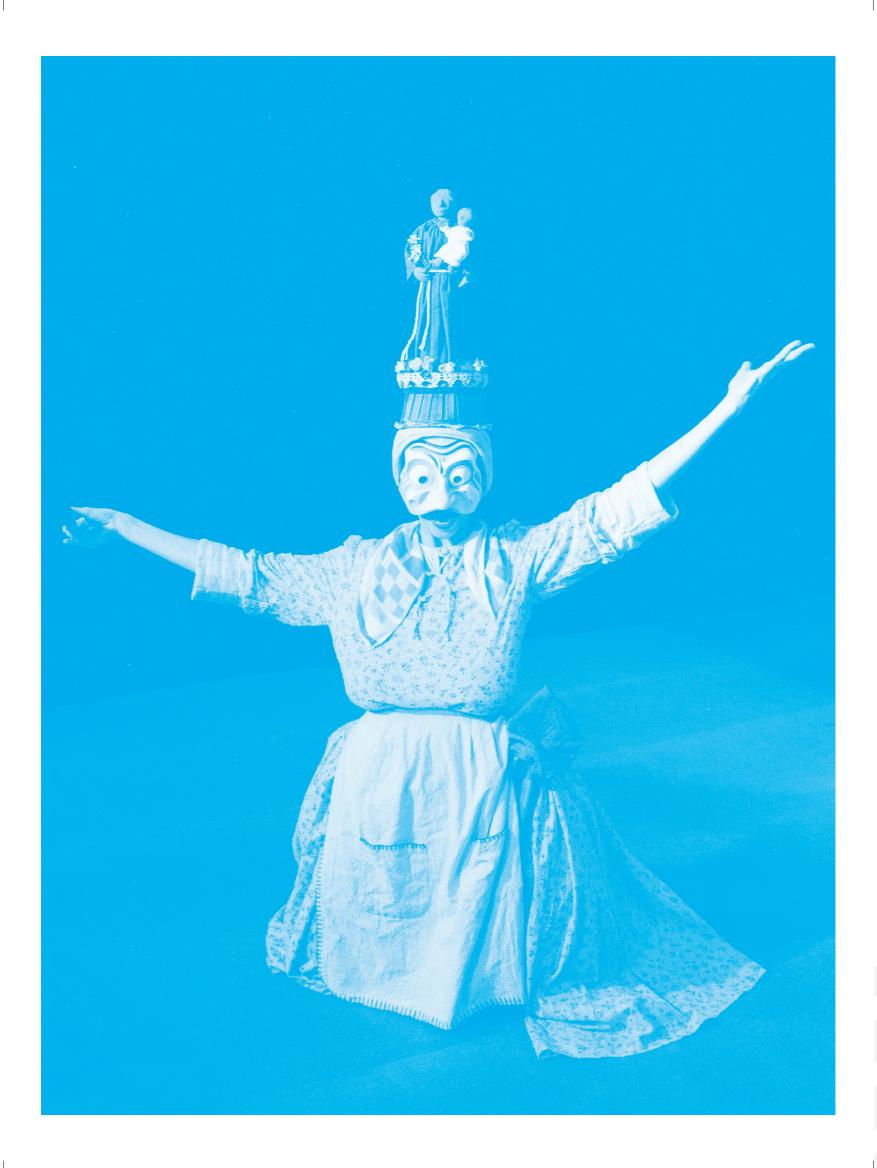
Um desses problemas, por exemplo, diz respeito diretamente ao teatro de rua e nos afeta cotidianamente. No período da ditadura, era muito difícil ocupar as ruas, praças e mercados para apresentar algum tipo de espetáculo sem a interferência do Estado. Havia uma preocupação quanto ao conteúdo a ser abordado. Hoje, há outro tipo de interferência do Estado no teatro de rua: a exigência de pagamento de taxa de ocupação do espaço público. E as cobranças variam de cidade para cidade, chegando às vezes a valores exorbitantes, inclusive impedindo algumas apresentações. A grande contradição é que o espetáculo é oferecido à população sem cobrança de ingressos e a maioria dessas cidades não tem política pública na área da cultura, muito menos algum projeto de apoio aos grupos artísticos.

A iniciativa privada tem dado grande contribuição ao Estado brasileiro, e o maior exemplo é o Palco Giratório.

O grupo que participa do projeto adquire ampla visão do país, trabalha o ano inteiro, e o desdobramento é imensurável, pois da sua participação poderá resultar a montagem de outros espetáculos, outras apresentações, produção de documentários, livros, com as experiências vivenciadas em cada região, entre outros frutos. Portanto, no campo da economia de mercado, as formas de aproveitamento da experiência e sua capitalização para os anos seguintes dependem muito mais de quem participa do que de quem organiza o projeto.

Fazer teatro de rua pressupõe estar aberto para as adaptações necessárias aos espaços públicos, respeitar a geografia urbana e compreender a diversidade do povo brasileiro.

Lindolfo Amaral - ator Grupo Imbuaça



E SEMEADURAS TROCAS

O Palco Giratório é, sem sombra de dúvida, um dos mais importantes projetos culturais brasileiros de incentivo ao teatro. Muitos grupos vêm aprofundando suas pesquisas com linguagens teatrais e projetos como esse são necessários para democratizar os conhecimentos, estimulando a troca e a descoberta de novas metodologias do fazer teatral.

O Grupo Moitará teve a honra de participar do Palco Giratório em 2004, com o espetáculo *Imagens da Quimera*, viajando por vários estados do Brasil, apresentando-se em lugares onde parecia ser impossível devido à complexidade da montagem. Mas, em todas as cidades, éramos recebidos por uma equipe de profissionais generosos, dedicados em superar as dificuldades.

Essa experiência foi um desafio importante para todos.

Durante as viagens tivemos a oportunidade de entrar em contato com artistas e a cultura tradicional de cada região, o que proporcionou um enriquecimento da pesquisa que o Moitará já vinha realizando sobre "tipos" da nossa cultura para a criação de máscaras, fazendo alguns paralelos com os personagens da *Commedia dell'Arte*. Dessa relação nasceram os dois últimos espetáculos do Grupo Moitará: *Quiprocó* e *Acorda Zé! A comadre tá de pé!*, que agora temos a oportunidade de apresentar pelo Palco Giratório em 43 cidades de 20 estados do Brasil.

Um dado novo nesta edição é que, além dos espetáculos, serão realizados debates, oficinas e intercâmbios, fazendo jus ao significado do nome do nosso grupo — Moitará —, que na língua *Kamaiurá* significa escambo, encontros, onde além das trocas de artefatos e alimentos compartilham-se saberes e afetos.

São iniciativas como essa que contribuem para a valorização das identidades culturais de um país no qual a arte se coloca a serviço da vida.

Venício Fonseca - ator, diretor e mascareiro Grupo Teatral Moitará



OS GRUPOS CIRCUITO 2011



Rio de Janeiro

Dirigido pela brasileira Ana Teixeira e pelo francês Stephane Brodt, o Amok Teatro se dedica a um processo contínuo de pesquisa do trabalho do ator e das possibilidades de encenação, que se caracteriza pela busca de um rigor formal e de uma intensidade que o corpo do ator afirma como sendo o lugar em que o teatro acontece. Essa direção de trabalho apoia-se em dois eixos: Antonin Artaud e Etienne Decroux, de quem o grupo herdou também uma técnica corporal. Em seus espetáculos, o Amok Teatro aborda temas contemporâneos, sem perder de vista a construção de uma forma teatral e poética. A encenação é para o grupo um campo aberto às experimentações, à pesquisa de linguagem cênica, ao aperfeiçoamento das técnicas do ator e ao diálogo com as questões fundamentais de nossa época. Desde 2003, com a inauguração de sua sede no Rio de Janeiro, a companhia tem acolhido em suas oficinas atores de diversas regiões do país. A Casa do Amok se configurou como um espaço de criação e de treinamento, onde a vida da companhia e a formação de atores estão profundamente ligadas.

www.amokteatro.com.br

Patrocinadora da Cia Amok Teatro









O DRAGÃO
Classificação etária 12 anos
Gênero drama
Duração 80 minutos

O dragão é uma criação sobre o conflito entre israelenses e palestinos a partir de fatos e depoimentos reais. Pelo olhar de quatro personagens, dois palestinos e dois israelenses, suas trágicas histórias e suas humanidades expostas, o Amok Teatro revela a experiência comum da dor e as diferenças que não mais separam, mas simplesmente distinguem e religam as pessoas. Ultrapassando as barreiras históricas e geográficas, o espetáculo coloca em foco o homem diante da violência de sua época. O dragão é um espetáculo sobre o diálogo e a paz, sobre a possibilidade de encontrar, atrás da crueldade e da violência, uma real humanidade.

Direção Ana Teixeira / Montagem do texto Ana Teixeira e Stephane Brodt / Elenco Stephane Brodt, Kely Brito, Bruce Araujo e Fabianna de Mello e Souza, em alternância com Márcia do Valle / Figurino Stephane Brodt / Cenário Ana Teixeira / Música Beto Lemos (criação e interpretação), em alternância com Marcelo Müller (tocando alaúde, darbuka, bodhran e viola de gamba) / Assistente de direção Kely Brito / Iluminação Renato Machado e Rodrigo Maciel (operação) / Costureira Dora Pinheiro / Professora de árabe Samaher Omran Muhmed / Professora de hebraico Miriam Weitzman / Fotografía Fernanda Ramos / Produção Erick Ferraz

REPERTÓRIO

CARTAS DE RODEZ

Classificação etária 14 anos Gênero drama Duração 50 minutos



O espetáculo é uma seleção de cartas do ator, poeta e dramaturgo francês Antonin Artaud enviadas ao seu psiquiatra, Doutor Ferdière, durante o período em que esteve internado como louco no manicômio de Rodez, de 1943 a 1946. As cartas são um diálogo desesperado de Artaud com seu médico e, por meio dele, com toda a sociedade.

Autor Antonin Artaud / Tradução Lilian Escorel / Adaptação Ana Teixeira e Stephane Brodt / Direção Ana Teixeira / Elenco Stephane Brodt / Figurinos Amok Teatro / Cenário Ana Teixeira / Iluminação Wilson Reiz e Stephane Brodt / Música Charles Ives e Shostakovich / Projeto gráfico Paolo Lima / Divulgação Pangeia Comunicações / Fotografia Renata Collaço

repe<mark>rtório</mark>

KABUL

Classificação etária 12 anos Gênero drama Duração 75 minutos



Kabul traz quatro faces da guerra, quatro personagens em busca de dignidade e de humanidade confiscadas por décadas de vio-

lência, quatro retratos de um Afeganistão visto de dentro das casas, por trás das cortinas e dos véus. O espetáculo é uma criação que partiu de duas fontes: um livro, *As andorinhas de Cabul*, do escritor argelino Yasmina Khadra, e uma imagem real, uma mulher coberta com uma burca azul sendo executada publicamente no estádio de Cabul, em novembro de 1999. O espetáculo estreou em 2009 e recebeu o prêmio Associação dos Produtores de Teatro do Rio de Janeiro (APTR) na categoria especial para a música, executada ao vivo com instrumentos persas e afegãos.

Direção, texto e concepção Ana Teixeira e Stephane Brodt / Elenco Stephane Brodt, Kely Brito, Bruce Araujo e Fabianna de Mello e Souza, em alternância com Márcia do Valle / Figurino Stephane Brodt / Cenário Ana Teixeira / Música Beto Lemos (criação e interpretação), em alternância com Rudá Brauns (tocando santour, tombak, saz kumbuz, daf, kamantché) / Iluminação Renato Machado / Operador de luz Rodrigo Maciel / Costureira Dora Pinheiro / Fotografia Andréa Teixeira / Produção Erick Ferraz

OFICINA IMPROVISAÇÃO COM MÁSCARAS BALINESAS

A oficina visa levar o ator ao estado de improvisação, tendo como suporte o recurso da máscara tradicional. Nela, os inscritos poderão compreender os princípios do teatro bruto através da experiência prática e da observação e desenvolver aptidões necessárias ao teatro de máscara, como a imaginação, a presença cênica, a capacidade de estar no presente, "saber ser" mais do que "saber fazer", e o engajamento físico.

Público-alvo pesquisadores, atores e estudantes de artes cênicas maiores de 18 anos, que desejam conhecer o trabalho com máscaras

Carga horária 6 horas

Necessidade roupas leves para prática de exercícios

Ministrante Stephane Brodt

OFICINA TREINAMENTO E IMPROVISAÇÃO

A oficina tem por objetivo desenvolver a expressão dramática do ator por meio de uma prática que articula treinamento e improvisação. O treinamento inclui trabalho físico e vocal. A improvisação propõe uma prática teatral a partir de uma visão física do teatro, onde o corpo não é somente um instrumento atlético, mas também um reservatório de sensações que determinam as ações. Ela procura fazer coincidir a interioridade com a exterioridade, desenvolvendo uma inteligência cênica que articula o físico e o mental, oferecendo ao ator a liberdade de se se expressar como criador.

Público-alvo diretores, atores, bailarinos e estudantes de artes cênicas maiores de 18 anos

Carga horária 6 horas

Necessidade roupas leves para prática de exercícios

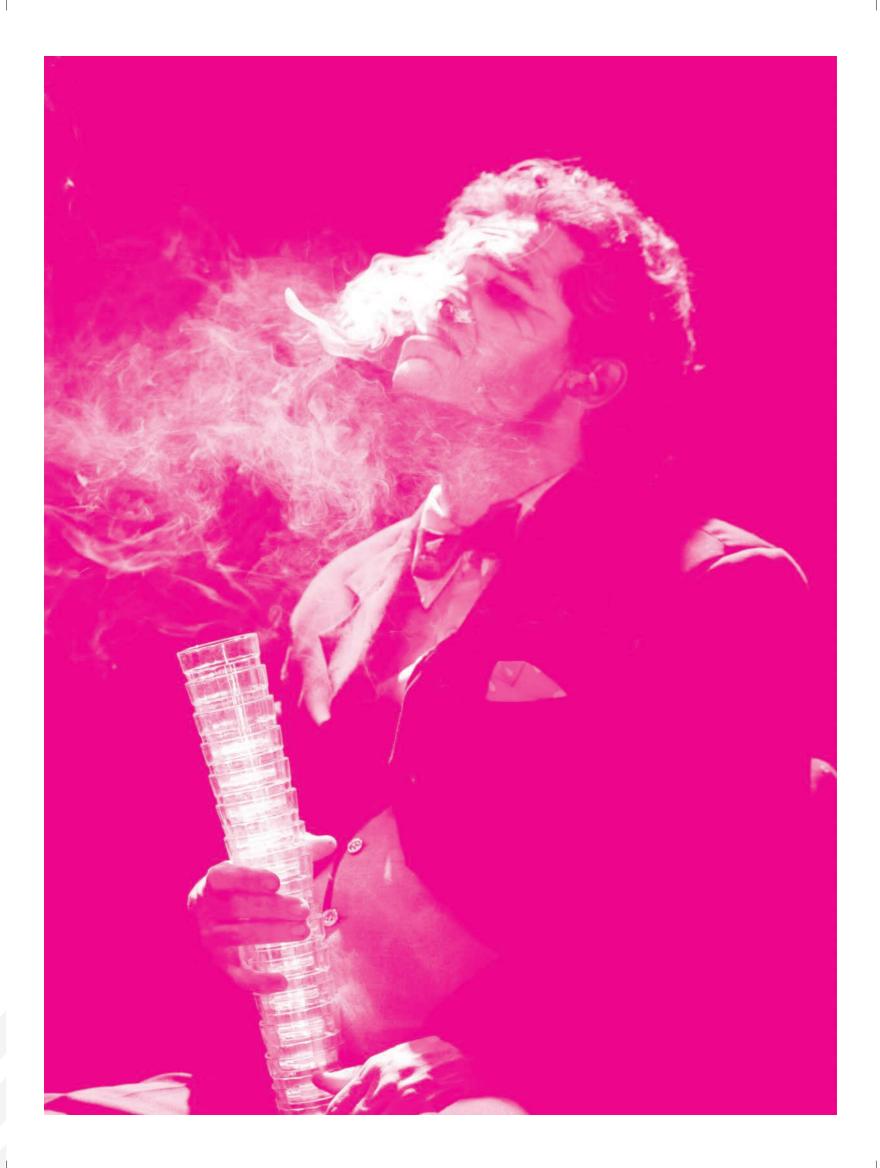
Ministrante Ana Teixeira

ARMATRUX

Minas Gerais

O Armatrux surgiu em 1991, e em seus 20 anos de trajetória foram criados 17 espetáculos, dois vídeos, três curtas-metragens e uma exposição interativa com todas as obras do grupo, além de várias oficinas relacionadas a bonecos, atuação e técnica em montagem cênica. Há seis anos o Armatrux desenvolve pesquisa na área de atuação e dramaturgia, sob a direção de Eid Ribeiro. Nesse período surgiu como primeiro resultado o espetáculo *De banda pra lua*, vencedor dos prêmios Dramaturgia Infanto-Juvenil de Minas Gerais (2005), Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz (2006), I e II Prêmios Cena Minas (2007 e 2008), além de ter sido indicado para 11 categorias no Prêmio Simpar-Usiminas (2008), e três categorias no Prêmio Sesc-Sated (2008). O segundo resultado é *No pirex* (2009), espetáculo para o público adulto, que recebeu os prêmios Simpar-Usiminas para as categorias de Melhor Direção e Melhor Iluminação em 2010.

www.armatrux.com.br

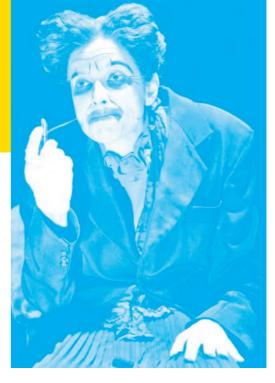


NO PIREX

Classificação etária 12 anos **Gênero** comédia **Duração** 60 minutos

Boquélia, a dona da casa, Bencrófilo, o garçom jovem, Bonita, a cozinheira, Ubaldo, o garçom velho, e Alcebíades, o velho, são personagens que, em volta de uma mesa, dão vida a essa história que mais parece um pesadelo cômico. Ou um jantar surrealista? Uma festa macabra? Uma versão gótica do *Mad Tea Party* do país das maravilhas? Tudo isso ou nada disso: a piração do *No pirex* é aberta a múltiplas leituras do público.

Direção Eid Ribeiro / Assistentes de direção Raquel Pedras e Paula Manata / Dramaturgia Eid Ribeiro e Grupo Armatrux / Elenco Cristiano Araújo, Eduardo Machado, Paula Manata, Raquel Pedras e Tina Dias / Cenário e figurino Eduardo Félix / Trilha sonora Eid Ribeiro / Design de luz Bruno Magalhães e Bruno Cerezolli / Produção executiva Simone Rosa / Técnico de som André Dulci / Supervisor técnico de montagem José Geraldo Rosa / Fotografia Bruno Magalhães/Agência Nitro



REPERTÓRIO

DE BANDA PRA LUA Classificação etária livre

Gênero teatro infantil

Duração 60 minutos

Tonico e Bié moram na roça com o pai e a mula Madrugada. Apaixonados pela lua e seus mistérios, Tonico, Bié e Madrugada vivenciam aventuras marcadas por encantamento, trapalhadas, risos e sustos. O mundo da imaginação das crianças é o palco perfeito para essa misteriosa e terna história povoada de seres encantados, como São Jorge, o dragão e aparições de outro mundo.



Direção e dramaturgia Eid Ribeiro / Assistente de direção e preparação corporal Fernanda Vianna / Cenário e figurino Marney Heitmann / Elenco Cristiano Araújo, Eduardo Machado, Paula Manata, Raquel Pedras, Tina Dias, Talita Braga e Rogério Araújo / Trilha sonora Lênis Rino / Iluminação Telma Fernandes / Produção executiva Simone Rosa / Técnico de som André Dulci / Operador de luz Alon Cordeiro

REPERTÓRIO

BILÚ & CURISCO

Classificação etária livre Gênero circo

Duração 45 minutos

Na lona surge o palhaço Bilú e um inusitado animal: seu amigo e parceiro, o elefante Curisco. Embora Bilú seja muito desajeito, é sempre socorrido por seu talentoso e grande astro de estimação. Curisco diverte a todos com suas proezas, inclusive jogando futebol e dançando. Em um espetáculo surpreendente e engraçado, Bilú conduz os espectadores a se entregarem à ousadia do riso, proporcionando-lhes momentos únicos de descontração e alegria.

Direção e concepção Eduardo Machado / Elenco Eduardo Machado,
Cristiano Araújo e Rogério Araújo / Cenário e bonecos Grupo
Armatrux / Trilha sonora Grupo Armatrux

OFICINA O ATOR, O OBJETO E A CENA

A oficina pretende abordar elementos do processo criativo, exercícios físicos, jogos teatrais, jogos de percepção, estudo das relações cênicas entre ação e objeto e a técnica de improvisação. A oficina tem como objetivo estabelecer uma reflexão sobre o caminho de construção do espetáculo *No pirex*.

Público-alvo atores e estudantes de teatro maiores de 16 anos

Carga horária 4 ou 8 horas

Necessidade roupas confortáveis para prática de exercícios

Ministrante o grupo

PENSAMENTO **GIRATÓRIO**

REPERTÓRIO

PARANGOLÉ

Classificação etária livre

Gênero circo

Duração 45 minutos

Parangolé conta a história de dois palhaços, a apresentadora Olímpia e seu assistente Caburé, que percorrem o país de bicicleta, vendendo um produto de limpeza, e vivenciam problemas com o uso incorreto da energia. O objetivo do espetáculo é que, ludicamente, um dos palhaços (o assistente) simbolize o meio ambiente, que deve ser bem tratado e usado com bom senso. A palhaça Olímpia sente na própria pele as consequências do mau uso da energia. Entre as gags são inseridas dicas de segurança. Os atores surpreenderão a plateia com uma apresentação divertida e, ao mesmo tempo, informativa.

Autor Anderson Guerra (Estúdio Santa Rita) / Direção Grupo Armatrux / Elenco Cristiano Araújo, Eduardo Machado, Raquel Pedras, Paula Manata e Tina Dias (revezados em duplas) / Cenário e figurino Eduardo Félix / Trilha sonora Anderson Guerra

OFICINA PALHAÇO

A oficina tem como objetivo a vivência da experimentação do palhaço e pretende abordar seu universo a partir de jogos de relacionamento, atenção e comando. Serão trabalhadas a relação entre espaço, tempo e intensidade, sequências de *gags* (*slap stick*, *double take* e quedas) e jogos com máscara.

Público-alvo atores e estudantes de teatro maiores de 16 anos

Carga horária 4 ou 8 horas

Necessidade roupas confortáveis para prática de exercícios

Ministrante Eduardo Machado, o palhaço Bilú

PROCESSO DE CRIAÇÃO Discutir o processo de criação do espetáculo *No Pirex*, partindo das improvisações, da construção dramatúrgica sem texto e da relação do espetáculo com a linguagem estética do Grupo e do diretor Eid Ribeiro.

DO ELEFANTE

Rio Grande do Sul

Completando 20 anos de atividades voltadas à arte do Teatro de Animação, a companhia portoalegrense Caixa do Elefante Teatro de Bonecos, fundada em 1991, é, hoje, uma das companhias de teatro de bonecos mais atuantes e de maior destaque no panorama artístico nacional. Suas premiadas montagens, direcionadas tanto para o público infantil quanto para o adulto, já percorreram diversos países da Europa, da América do Norte e da América do Sul, representando e valorizando a essência de nossa cultura.

www.caixadoelefante.com.br





A TECELÁ

Classificação etária 12 anos **Gênero** teatro de animação **Duração** 50 minutos

Uma tecelá capaz de converter em realidade tudo o que tece com seus fios busca preencher o vazio de seus dias criando, para si, o suposto companheiro ideal. O espetáculo trata, de forma poética, da solidão feminina, das dificuldades de relacionamento e do poder criativo como possibilidade de transformação. Mesclando diferentes linguagens, a dramaturgia visual é conduzida por uma trilha musical envolvente, que induz o espectador a experimentar um clima onírico.

Direção de encenação, dramaturgia e concepção estética Paulo Balardim / Assessoria para efeitos especiais de ilusionismo Eric Chartiot / Direção musical e composição de trilha original Nico Nicolaiewsky / Elenco Carolina Garcia, Alice Ribeiro e Rita Spier / Construção de bonecos, silhuetas de sombra e cenotécnica Cia. Caixa do Elefante Teatro de Bonecos / Figurino Margarida Rache, Rita Spier / Iluminação Bathista Freire e Daniel Fetter / Produção de vídeos Beterraba Filmes / Manipulação de imagens em vídeo Zé Derli / Técnico de som Gabriel Lagoas / Operador de luz Daniel Fetter / Assistente de pesquisa em tecelagem Patrícia Preiss / Coordenação de produção Carolina Garcia / Assistente de produção Gabriela Mallmann e Luana Marques

REPERTÓRIO

OS ENCANTADORES DE HISTÓRIAS

Classificação etária livre Gênero teatro de animação Duração 50 minutos

Dois contadores e cantadores de histórias, montados em um triciclo, apresentam dois contos de Hans Christian Andersen: "O soldadinho de chumbo" e "Tudo está bem quando acaba bem". Utilizando bonecos e músicas para recriar o universo fictício do autor, os encantadores de histórias brincam com as palavras em versos, transformando a contação em um inteligente jogo de atenção para as crianças.

Direção, bonecos e cenografia Paulo Balardim / Texto adaptado e trilha sonora Carolina Garcia e Paulo Balardim / Elenco Carolina Garcia e Álvaro Vilaverde / Coreografias Cristiano Carvalho / Orientação de atores Mário de Ballentti / Figurino dos atores Mária Coelho / Figurino dos bonecos Margarida Rache / Direção musical Cristiano Hanssen / Preparação vocal Marlene Goidanich e Celina del Mônico / Técnico de som Luana Marques / Iluminação Bathista Freire e Rafael Rossa / Operador de luz Daniel Fetter / Coordenação de produção Carolina Garcia / Assistência de produção Gabriela Mallmann e Luana Marques



OFICINA MANIPULAÇÃO DE BONECOS

Workshop de exploração de noções básicas que permeiam a interpretação do ator com bonecos e objetos animados, visando à descoberta de possibilidades dramatúrgicas do corpo em justaposição com o inanimado: contrastes de formas e ritmos, dissociação de movimentos e interpretação na composição da vida fictícia e autônoma do boneco.

Público-alvo adolescentes e adultos, máximo de 20 pessoas

Carga horária 4 ou 8 horas

Ministrantes Paulo Balardim e Carolina Garcia

OFICINA DINÂMICAS PARA A NARRATIVA DE HISTÓRIAS

Oficina para auxiliar na formação de contadores de histórias, por meio da reflexão sobre a prática e da exploração de técnicas teatrais associadas à transmissão oral de narrativas e ao uso de objetos e outros recursos.

Público-alvo adolescentes e adultos, máximo de 20 pessoas

Carga horária 4 horas

Ministrante Carolina Garcia

PENSAMENTO **GIRATÓRIO**

COM NOVAS MÍDIAS O tradicional teatro de bonecos sofreu inúmeras mudanças ao longo das duas últimas décadas. A designação "teatro de animação" parece contemplar algumas dessas metamorfoses, vislumbrando um teatro que permite hibridar-se. No contexto contemporâneo, no qual a tecnologia e as novas mídias oferecem variadas ferramentas para a cena teatral, a animação absorve e digere conceitos complexos, tais como virtualidade, simulação, simulação e imagens digitais. Pretendemos

O TEATRO DE ANIMAÇÃO CONTEMPORÂNEO: INTERFACE

fazer um levantamento e uma discussão sobre a pesquisa de linguagem com novas mídias dentro das companhias teatrais e

como elas remodelam a estrutura espetacular.

A DRAMATURGIA NO TEATRO DE ANIMAÇÃO O objetivo é discutir as especificidades do teatro de animação, as características que determinam sua força e sua fraqueza dramatúrgica. Como elaborar uma dramaturgia para essa linguagem e registrála em um suporte?

A FORMAÇÃO DO ATOR NO TEATRO DE ANIMAÇÃO O te-

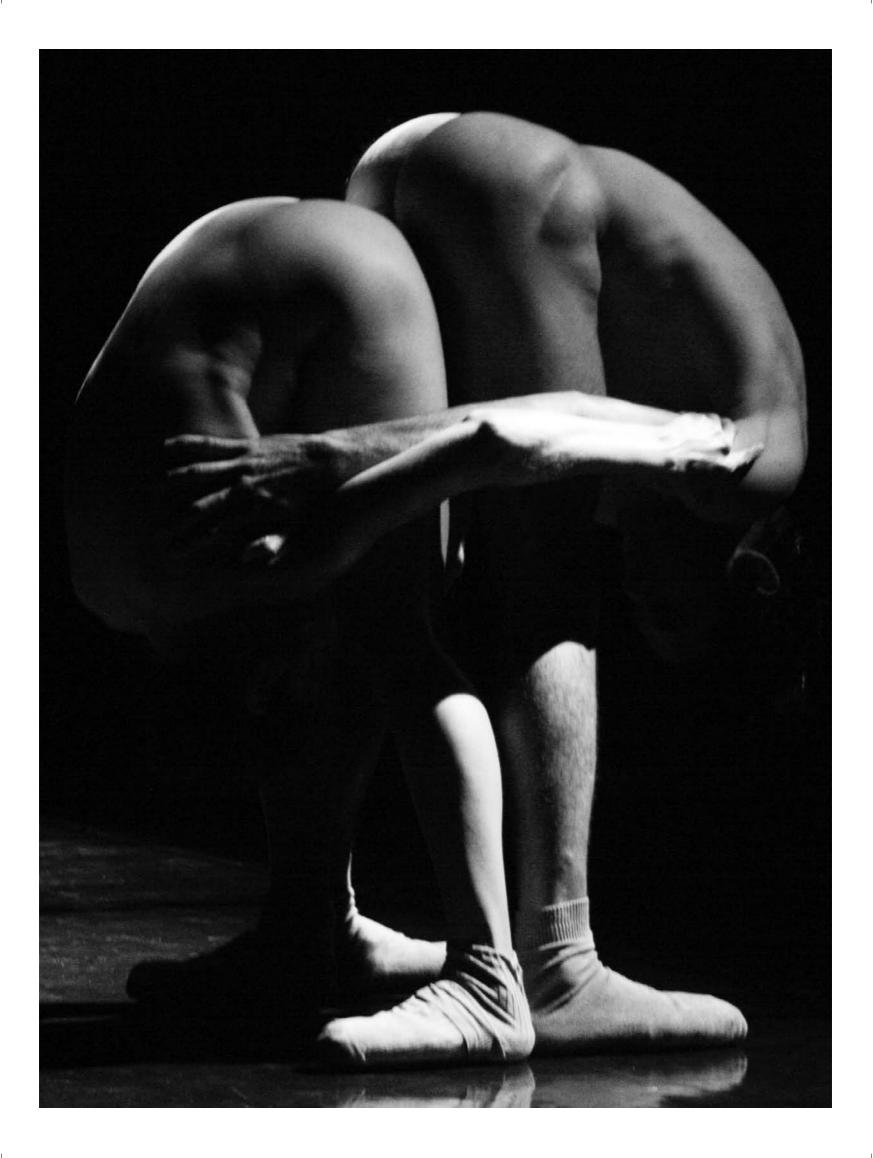
atro de animação, devido às suas especificidades, exige características particulares na formação do ator. No entanto, as possibilidades técnicas (construtivas, manipulatórias e dramáticas) são tão variadas que se torna difícil formular uma metodologia geral para seu aprendizado. Apesar disso, será possível elencar prioridades para esse aprendizado? Existem noções básicas que permeiam a interpretação com bonecos e objetos animados? Qual o panorama atual dos cursos de formação nessa área, no Brasil?



Ceará

A Cia. Dita é um "lugar" de procura, pesquisa e produção artística. Ao longo de seus seis anos de existência vem circulando por eventos que se relacionam com a dança e o vídeo, dentro e fora do Brasil, tais como: Mostra Fora-do-Eixo (SP), Encontro Coreográfico de Santo André (SP), Fórum Internacional de Dança (Belo Horizonte), Festival Ibero-Americano de Cinema do Ceará (Cine Ceará), Festival Internacional de Cinema de Brasília, Simpósio Internacional de Filosofia de Fortaleza, Bienal Internacional de Dança do Ceará, Encontro Internacional de Artes Cênicas (Zona de Transição), Festival Panorama (Rio de Janeiro) e Festival Brasil Move Berlim.

www.ciadita.com





DE-VIR
Classificação etária 18 anos
Gênero dança
Duração 40 minutos

Quatro *performers* pontuam as interferências do corpo com seu ambiente. O corpo entendido como uma mídia que avança por acelerações, rupturas e desacelerações, desmembra, constantemente, uma nova roupagem. *De-vir* propõe intensificar esses movimentos ondulatórios engendrando a ideia de um novo *design*, que pode recompor a disposição e a ordem dos elementos essenciais das estruturas físicas de uma pessoa.

Direção e coreografia Fauller / Assistência de direção Wilemara Barros / Bailarinos Wilemara Barros, Henrique Castro, Marcelo Hortêncio, Fauller / Música Ryoji Ikeda / Técnico de som Wilenaina Barros / Iluminação Fernando Peixoto / Operador de luz Fábio Oliveira / Fotografia Alex Hermes / Produção Ato Produção e Marketing Cultura

REPERTÓRIO

INC. Classificação etária 16 anos Gênero dança Duração 40 minutos

Com pesquisa estética diretamente influenciada pela cultura pop, *INC*. é um exercício de captação do "falso brilho" dos objetos de desejo e de consumo de massa, propondo, dessa maneira, um mergulho no nosso tempo, nos nossos anseios, medos e falta de intimidade.

Performance Wilemara Barros e Fauller / Realização Cia. Dita / Direção e concepção Fauller / Cocriação Wilemara Barros / Música Ryoji Ikeda, Mozart / Técnico de som Wilenaina Barros / Iluminação Fábio Oliveira / Fotografia Alex Hermes / Produção Ato Produção e Marketing Cultural / Coordenação de produção Cristiane Pires





L'APRÈS MIDI D'UN FAULLER

Classificação etária 16 anos **Gênero** dança

Duração 40 minutos

Europeizado ou antropofagizado? Decalque ou mapa? Como ser ou não ser um brasileiro cearense? O Pequeno Príncipe ou Iracema? Marcel Duchamp ou Zé Pinto? Deslocamentos multiculturais de resistência artística fazem da obra/pesquisa *L'après midi d'un Fauller* (o entardecer do Fauller) uma dança política e poética que constrói no corpo e na cena possíveis soluções coreográficas e performáticas.

Direção, concepção e performance Fauller / Acompanhamento crítico e orientação artística Joubert Arrais / Assistência coreográfica Wilemara Barros / Iluminação Fabio Oliveira / Técnico de som Wilenaina Barros / Músicas Nara Leão, Caetano Veloso, aula de Francês-Fórum 1, sons do meu dentista / Fotografia Gessica Marques / Produção Ato produção e Marketing Cultural / Coordenação de produção Cristiane Pires

OFICINA DANÇA CONTEMPORÂNEA COM ELEMENTOS DA TÉCNICA CLÁSSICA

A Cia. Dita, ao longo de seus oito anos de existência, vem criando um sistema de aulas que tem a finalidade de auxiliar seus integrantes a alcançar melhor preparo físico e experiências inéditas em conjunto. A oficina, tal qual nossas aulas, tem início com uma barra de técnica clássica, básica ou intermediária, e posterior introdução de elementos básicos da dança contemporânea, como queda e suspensão, rolamentos e paradas de mãos. A barra é antecedida por uma preparação no solo e a aula é voltada para bailarinos contemporâneos, focando especificamente a técnica como suporte para as possibilidades de movimentação.

Público-alvo bailarinos interessados em dança contemporânea

Carga horária 9 horas, em três dias

Ministrantes Fauller e Wilemara Barros

PENSAMENTO GIRATÓRIO

A NUDEZ COMO PROPOSIÇÃO ESTÉTICA E POLÍTICA A

Cia. Dita vem desenvolvendo trabalhos de forte impacto visual e político, colocando no foco de suas discussões o corpo e seus possíveis estatutos. Em quase todas as obras da Cia. a nudez tem um importante papel de comunicar ideias e pensamentos, sendo, em algumas, o foco central, e em outras, um meio de intermediação com o público. Em *De-vir*, *INC*. e L'après midi d'un *Fauller*, a nudez deixa de ser recurso para ser discurso, deixa de ser ausência de figurino para ser figurino, deixa de ser tabu para ser pensamento político, deixa de ser apenas pele exposta para ser construção estética. Pensando nessa recorrência, e em sua importância como identidade para a Cia. Dita até o momento, nos propomos a refletir sobre isso com o público.



São Paulo

A Cia. do Tijolo surgiu da criação de um trabalho sobre a vida e a obra do poeta Patativa do Assaré, o show *Cante lá que eu canto cá*, uma espécie de sarau literário e musical. Com o desejo de aprofundar a pesquisa sobre Patativa, um homem que estudou só seis meses e desenvolveu extraordinariamente as possibilidades poéticas, práticas e reflexivas no manejo da língua, buscamos as concepções de Paulo Freire sobre a aquisição do conhecimento e assim surgiu o nome da Cia. O primeiro passo no processo de alfabetização do método criado por Paulo Freire é o levantamento do universo vocabular dos grupos com os quais se trabalha, das palavras ligadas às experiências existenciais, profissionais e políticas dos participantes dos diferentes grupos. Foi assim que em Brasília, cidade ainda em construção nos anos 1960, surgiu entre os estudantes de Paulo Freire a palavra tijolo.

Tijolo é nossa palavra geradora, o princípio de orientação na construção de nosso *Concerto de Ispinho e Fulô*.



CONCERTO DE ISPINHO E FULÔ

Classificação etária 14 anos Gênero teatro popular musicado Duração 120 minutos

Uma Rádio Conexão SP/Assaré anuncia que uma cia. de teatro de São Paulo chega para entrevistar o poeta Patativa. O que seria uma entrevista costumeira se transforma num diálogo entre o popular e o erudito, o urbano e o rural, e culmina com a denúncia de um dos primeiros ataques aéreos contra civis em território brasileiro, que não está nos livros de história.

Direção Rogério Tarifa / Elenco Dinho Lima Flor, Fabiana Vasconcelos Barbosa, Lílian de Lima, Rodrigo Mercadante, Karen Menatti, Thaís Pimpão, Rogério Tarifa / Músicos Jonathan Silva, Aloísio Oliver, Maurício Damasceno / Figurino e cenografia Silvana Marcondes e Cia. do Tijolo / Direção musical William Guedes / Dramaturgia Cia. do Tijolo / Supervisão dramatúrgica Iná Camargo / Consciência corporal Érika Moura / Coreografia Jorge Garcia / Iluminação Fábio Retti / Operador de luz Danilo Mora / Programação visual Fábio Viana / Fotografia Alécio Cezar, Cacá Bernardes, Fábio Viana e Juliana Baraúna / Composições Jonathan Silva e Dinho Lima Flor / Produção Alessandra Ferros





REPERTÓRIO

SAFADEZAS DE SAMBA
Classificação etária livre
Gênero show de música
Duração 60 minutos

Seis horas da tarde, quatro bancos aguardando para serem ocupados, três focos de luz. No centro do palco, uma vitrola toca um samba antigo. Há capas de discos de vinil espalhadas. No fundo do palco, sobre uma cadeira iluminada, um lenço vermelho e um chapéu. Um sino toca seis badaladas anunciando que no morro a luz do dia se despede deixando em seu lugar a luz da boemia, da imaginação e da malandragem. Um pandeiro anuncia a chegada do sambista. A sequência musical é entremeada de pequenas crônicas sobre nossa vida cotidiana, notícias de jornal, causos sobre a história do samba e sobre o dia a dia dos brasileiros.

Atores e cantores Dinho Lima Flor e Rodrigo Mercadante / Violão e direção musical William Guedes / Percussão Maurício Damasceno / Direção de cena e pesquisa de texto Dinho Lima Flor e Rodrigo Mercadante / Pesquisa musical Dinho Lima Flor / Fotografia Alécio Cezar / Programação visual Fábio Viana / Operador de luz Danilo Mora / Produção Dinho Lima Flor

UMA TOADA PARA JOÃO E MARIA

Classificação etária livre Gênero show de música Duração 60 minutos

Espetáculo musical feito por quem gosta de cantar Chico Buarque e que certamente encontrará ressonância no público que o aprecia. Mas para aqueles que não conhecem (dificilmente) ou não têm afinidade com o universo das canções desse mestre da música popular brasileira, há um segundo título: *O amor segundo Chico Buarque*. E de amor todo mundo entende um pouco.

Cantores e atores Lílian de Lima, Rodrigo Mercadante, Willian Guedes / Violão William Guedes / Acordeom Aloísio César / Percussão Lílian de Lima / Roteiro Lílian de Lima e Rodrigo Mercadante / Direção musical William Guedes / Direção, cenografia e iluminação Milton Morales Filho / Operador de luz Danilo Mora

PENSAMENTO **GIRATÓRIO**

DRAMATURGIA DE PATATIVA Reflexão sobre a criação de uma dramaturgia coletiva com base nas experiências de cada ator e nos estudos do grupo, tendo como ponto de partida a obra do poeta Patativa do Assaré.



OFICINA PATATIVA NUM RIO DE POESIA QUE DESEMBOCA NO TEATRO

A oficina propõe a encenação de pequenas histórias, tendo como ponto de partida os textos de Patativa do Assaré e as experiências dos participantes, usando danças, cantos, trabalho corporal, desenvolvimento do jogo poético, construção e ampliação do corpo para torná-lo expressivo. Inclui, assim, o estudo das ações físicas e vocais.

Público-alvo grupos de teatro, estudantes de teatro e público em geral

Carga horária 4 ou 8 horas

Necessidade roupas leves que facilitem a movimentação

Ministrante o grupo

São Paulo

CIAPOLICHINELO

Fundada em janeiro de 1997, a Cia. Polichinelo nasceu com o objetivo de aprofundar-se na pesquisa e na prática do teatro de bonecos. Desde então está sob a direção de seu fundador, o ator e diretor Márcio Pontes, que sempre teve pelos bonecos uma grande paixão. Nesses anos de trabalho ininterrupto, a Cia. Polichinelo produziu mais de 25 trabalhos, incluindo espetáculos, contações de histórias e *performances* artísticas, que foram apresentadas por todo o estado de São Paulo. Hoje, o Polichinelo possui seis espetáculos em repertório e continua desenvolvendo sua pesquisa como um grupo que se predispõe a difundir o teatro de bonecos, fomentando novas iniciativas e contribuindo para o desenvolvimento da cultura.

www.ciapolichinelo.com.br





FRANKENSTEIN
Classificação etária 6 anos
Gênero teatro de animação
Duração 50 minutos

Victor Frankenstein está em seu laboratório, muito ocupado na costura de uma imensa criatura. Ao ser atingida por um raio, a criatura finalmente ganha vida, mas é abandonada por Victor, que foge de sua própria criação. Sozinha, a criatura passa a andar pelas redondezas do castelo, o que causa grande susto. Com medo, as pessoas recusam a aproximação com o "monstro", mas ele encontra amizade em alguns curtos momentos. Depois de ler sua história no diário de Victor, a criatura pensa que pode ser aceita pelo seu criador e o procura. O cientista, ainda temeroso, se afasta. Não aceita e agredida pela população, a criatura torna-se um monstro, e pode atacar a qualquer momento!

Conto original Mary Shelley / Adaptação Márcio Pontes / Direção Márcio Pontes / Assistência de direção Yuri Valério / Equipe de criação Carolina Jorge, Jota R, Cassiano Ramos, Márcio Pontes, Ricardo Dimas e Yuri Valério / Figurino Márcio Pontes (criação) e Elizabeth Ferreira (confecção) / Bonecos e cenário Márcio Pontes / Músicas Luciano Pedro Antônio / Mixagem Studio G7 Produções / Sonoplastia e iluminação Yuri Valério / Elenco Betto Marx, Márcio Pontes, Ricardo Dimas e Carolina Jorge / Apoio técnico Valter Oliveira / Produção Cia. Polichinelo de Teatro de Bonecos

REPERTÓRIO

SOB SEUS OLHOS

Classificação etária livre **Gênero** teatro de animação **Duração** 50 minutos

Utilizando a linguagem e a magia do teatro de bonecos, a Cia. Polichinelo retrata com delicadeza e sensibilidade a história de "A-Pequena vendedora de fósforos" de Hans Christian Andersen. Uma menina, alguns fósforos e muitos desejos. Diante da luz ela vê seus sonhos quase realizados. Sonhos e fantasias de menina, de nuvens, de vento, que durarão apenas o tempo da chama de um simples fósforo que se apaga diante de seus olhos.



Texto e direção Márcio Pontes / Elenco Betto Marx, Márcio Pontes e Ricardo Dimas / Bonecos Márcio Pontes e Yuri Valério / Figurino Elizabeth Ferreira / Cenário Márcio Pontes (projeto) e Cia. Polichinelo (execução) / Sonoplastia e iluminação Yuri Valério / Trilha sonora Cristiano e Luciano Pedro Antonio / Produção Cia. Polichinelo

REPERTÓRIO

A LENDA DAS LÁGRIMAS

Classificação etária 6 anos Gênero teatro de animação Duração 50 minutos

Mogi é uma linda índia da tribo Tupi, a mãe de todas as tribos ainda existentes no Brasil. A índia se apaixona por um guerreiro da tribo, mas ele escolhe outra para desposar e parte com ela para terras distantes, deixando o coração de Mogi cheio de saudades. Os deuses se compadecem da jovem índia e lhe concedem que faça um pedido. Eis sua escolha: ser transformada em uma alta montanha para contemplar seu amado e ter como companhia de toda a vida a saudade e as lembranças de amor. Desde então, o rio Mogi-Guaçu, o mais importante de nossa região, é alimentado pelas lágrimas de saudade da jovem índia. *A lenda das lágrimas* é um espetáculo emocionante, para corações de todas as idades.

Argumento Márcio Pontes / Direção Márcio Pontes / Elenco Betto Marx, Márcio Pontes e Ricardo Dimas / Figurino Elizabeth Ferreira / Bonecos e cenário Márcio Pontes / Músicas Luciano Pedro Antonio / Mixagem Luciano Pedro Antonio / Sonoplastia e iluminação Yuri Valério / Produção Cia. Polichinelo

ÂME KALULUA

Classificação etária 16 anos Gênero teatro de animação Duração 60 minutos



Num reino não muito distante, vivia Âme Kalulua. Suas mãos eram capazes de produzir incomparáveis belezas. Tão belas que não demorou muito para que o rei quisesse para si toda a arte que ele pudesse produzir. Trancafiado na masmorra, Âme está condenado a pintar sempre, mas o que o monarca vê são apenas quadros que julga comuns e sem valor. Inconformado com o fato de não ver magnitude naquelas obras, o rei, cansado de tudo, resolve ir pessoalmente à masmorra e obrigar Âme a mostrar seus encantos. E é ali que descobre que jamais conseguirá ver as belezas de Âme, pois esqueceu-se de como abrir as janelas da alma. Âme Kalulua é o primeiro espetáculo da Cia. Polichinelo destinado ao público adulto, resultado de sua pesquisa no campo dos títeres. Utilizando a técnica de manipulação direta, o espetáculo possui bonecos maiores, com cerca de 1,40 metro de altura, que são movimentados à vista da plateia.

Argumento e Texto Márcio Pontes / Figurino Elizabeth Ferreira / Bonecos e cenário Márcio Pontes e Denise Zakaib / Músicas Luciano Pedro Antonio / Mixagem CD Luciano Pedro Antonio / Sonoplastia e iluminação Yuri Valério / Elenco Carolina Jorge, Márcio Pontes e Ricardo Dimas / Direção Márcio Pontes / Produção Cia. Polichinelo



A oficina se propõe a colocar os participantes em contato com a história do surgimento do teatro de títeres, bem como sua evolução. Os participantes criarão um títere simples que auxiliará nas discussões sobre movimentação e possíveis usos dos bonecos com o público infantil.

Público-alvo atores e professores

Carga horária 4 horas

Ministrante Márcio Pontes

OFICINA A PERCEPÇÃO DO GESTO NO TEATRO DE ANIMAÇÃO

A oficina se propõe a expor o processo de trabalho da Cia. Polichinelo por meio de exercícios que possibilitem uma maior consciência corporal do ator quando da manipulação dos títeres.

Público-alvo atores e interessados em geral

Carga horária 4 horas

Ministrante Márcio Pontes



PENSAMENTO **GIRATÓRIO**

O TEATRO DE BONECOS HOJE Discussão sobre o processo de criação no teatro de bonecos, adaptação literária e a manutenção de companhias de teatro de bonecos.

LUDICIDADE E IMAGINAÇÃO NO TEATRO DE BONECOS

Discussão sobre o teatro de bonecos e a possibilidade do diálogo direto com a criança.

COLETINO COMUM

Pernambuco

O Coletivo Lugar Comum foi criado em agosto de 2007, em Recife, por um grupo de pessoas de diversas linguagens artísticas após discussão sobre as dificuldades e as necessidades de produção, criação, manutenção e aperfeiçoamento do trabalho artístico. Juntos, esses artistas se revezam dando aulas uns para os outros, colaborando nas criações, na produção de projetos e na discussão de textos e pesquisas.

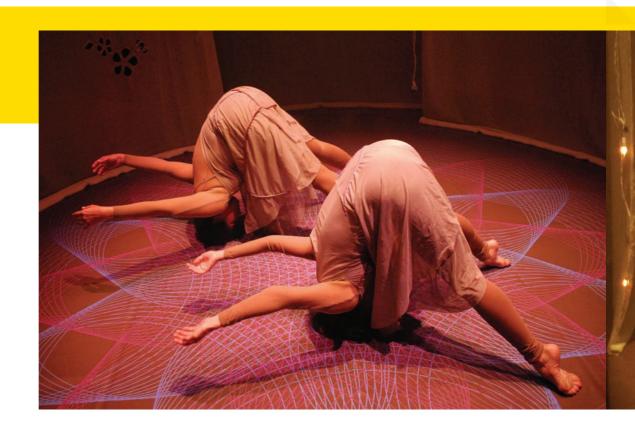
www.levediario.blogspot.com



LEVE
Classificação etária livre
Gênero dança
Duração 45 minutos

O espetáculo leva à cena as sensações, os sentimentos e os questionamentos do ser humano diante da morte. O trabalho foi criado sob a perspectiva de quem viveu a perda, a partir das vivências das criadoras-bailarinas Maria Agrelli e Renata Muniz. A concepção do espetáculo surgiu das reflexões das duas artistas, que lidavam de forma diferente, e até mesmo divergente, com a perda de pessoas próximas. As variadas perspectivas de encarar a morte serviram de suporte para a criação de *Leve*, abarcando a complexidade e intensidade do tema proposto. As sensações de impotência, saudade, dor, raiva, desespero, vazio e alívio se mesclam na cena do espetáculo, desveladas pelo corpo das bailarinas e pelo ambiente criado para esse trabalho: um espetáculo-instalação de dança que une coreografia e improvisação, propondo a imersão do público em uma atmosfera mística, intimista e lúdica.

Concepção, criação e coreografia Maria Agrelli e Renata Muniz / Bailarinas Maria Agrelli e Renata Muniz / Figurino Maria Agrelli / Cenário e design gráfico Isabella Aragão e Luciana de Mari / Assistente de coreografia Liana Gesteira / Pesquisa teórica e diário de criação Renata Pimentel / Consultoria artística Valéria Vicente e Maria Clara Camarotti / Preparação corporal Liana Gesteira e Luiz Roberto Silva / Preparação vocal Conrado Falbo / Trilha sonora original Isaar / Iluminação (criação e operação) Luciana Raposo / Cenotécnica e sonoplastia Almir Negreiros / Produção Coletivo Lugar Comum / Produção executiva Carminha Lins / Fotografia Breno César



OFICINA COMPOSIÇÃO PARA MOVIMENTO

A oficina tem como objetivo potencializar o uso do corpo como elemento para criação artística, promovendo exercícios de conscientização, percepção corporal e composição do movimento. Foi elaborada a partir da experiência de criação do espetáculo *Leve*, que utilizou exercícios de improvisação como laboratório para a elaboração coreográfica.

Público-alvo dançarinos, atores, estudantes, performers

Carga horária 4, 6 ou 8 horas

Necessidade roupas leves

Ministrantes Maria Agrelli e Renata Muniz

PENSAMENTO GIRATÓRIO

UM CORPO PARA CADA CRIAÇÃO Para esse debate, propomos uma reflexão tanto da perspectiva da preparação corporal e da elaboração de movimentos para um espetáculo quanto da formação da equipe de profissionais envolvidos na criação. Entendemos que cada proposta de criação demanda diferentes proposições corporais e diferentes criadores, que devem ser definidos a partir do tema a ser trabalhado em cena.

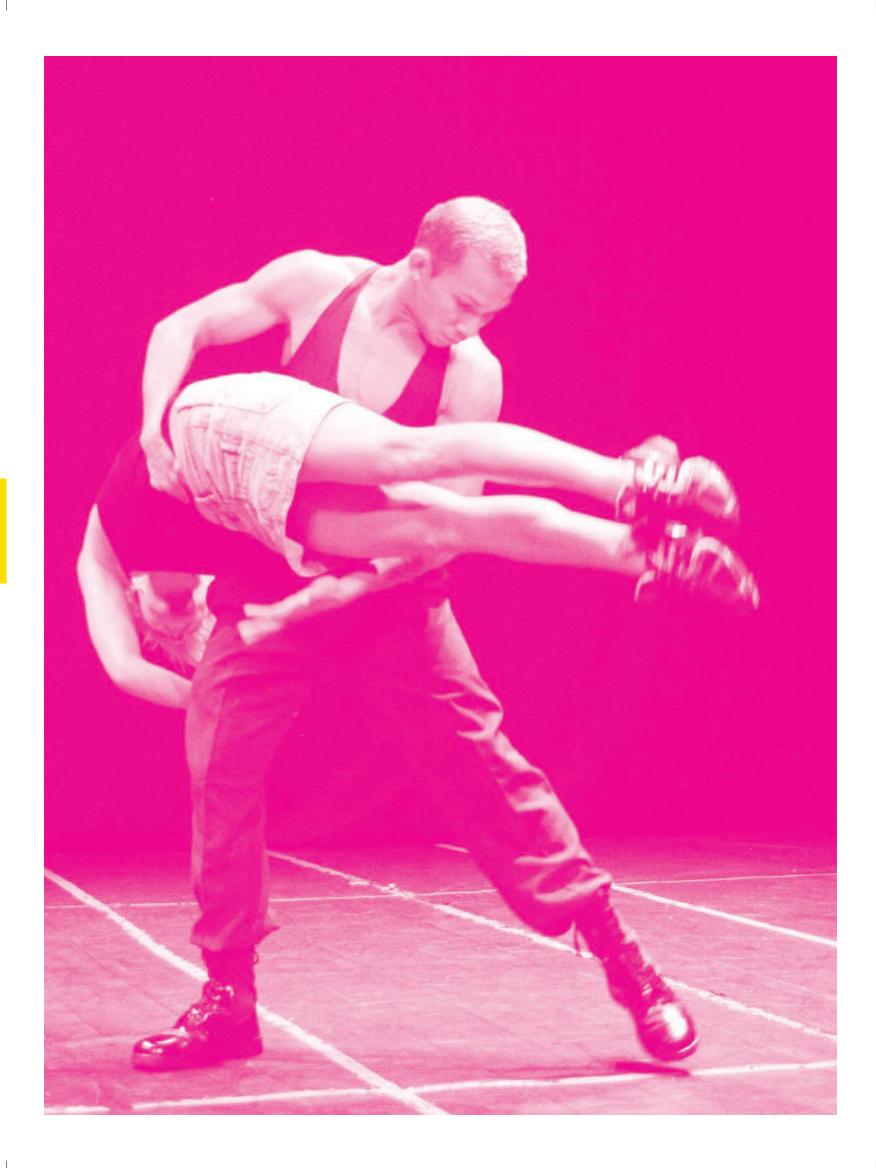


CORPO DE DANÇA DO AMAZONAS

Amazonas

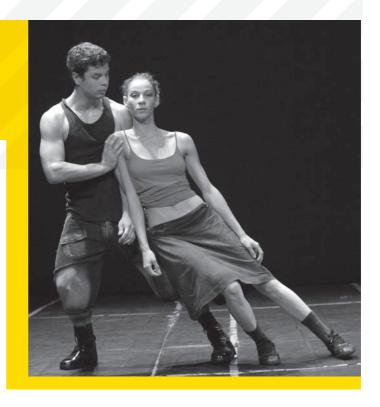
O Corpo de Dança do Amazonas foi criado em 1998 pelo Governo do Estado, por meio da Secretaria de Cultura, concretizando assim o Programa de Artes.

A Cia. mantém uma programação artística com repertório diverso, desejando abranger os múltiplos aspectos da dança contemporânea brasileira. Para isso, tem realizado criações com a colaboração de artistas convidados do Brasil e do exterior.



CABANAGEM Classificação etária livre Gênero dança Duração 50 minutos

A Cabanagem foi uma revolta popular na qual negros, índios e mestiços se insurgiram contra a elite política regencial. Diversas batalhas fizeram com que o movimento ficasse marcado pela violência. O espetáculo, não narrativo, apropria-se da essência da Cabanagem e utiliza a linguagem do coreógrafo Mário Nascimento para traduzir o espírito de resistência, de luta, de revolta e de preservação das culturas do local. A pesquisa para o espetáculo partiu da literatura de Márcio Souza e Marilene Corrêa.



Direção artística Monique Andrade e Getúlio Lima / Elenco Adan Souza, Adriana Góes, André Duarte, Ângela Duarte, Baldoino Leite, Fabian Aarão, Flávio Soares, Gentil Neto, Getúlio Lima, Helen Rojas, Liene Neves, Marilucy Lima, Meire Jane Melo, Rosely Reis, Sumaia Farias, Valdo Malaq / Figurino Mário Nascimento e Corpo de Dança do Amazonas / Concepção e coreografia Mário Nascimento / Produção musical DJ Marcos Tubarão / Iluminação Mário Nascimento / Operador de luz Monique Andrade / Produção Carla Lee / Fotografia Ruth Jucá



REPERTÓRIO MUNDO DA RAZÃO PRESE

Classificação etária livre Gênero dança Duração 35 minutos

Hegel afirmou que a loucura não seria a perda abstrata da razão: "A loucura é um simples desarranjo, uma simples condição no interior da razão, que continua presente". A loucura deixou de ser o oposto da razão ou sua ausência,

tornando possível pensá-la como de "dentro do sujeito", a loucura de cada um, possuidora de uma lógica própria. Hegel tornou possível pensar a loucura como pertinente e necessária à dimensão humana, e afirmou que só seria humano quem tivesse a virtualidade da loucura, pois a razão humana só se realiza por meio dela.

Direção artística Monique Andrade e Getúlio Lima / Coreógrafo Ricardo Risuenho / Bailarinos Adan Souza, Adriana Góes, André Duarte, Ângela Duarte, Baldoino Leite, Fabian Aarão, Flávio Soares, Gentil Neto, Getúlio Lima, Helen Rojas, Liene Neves, Marilucy Lima, Meire Jane Melo, Rosely Reis, Sumaia Farias, Valdo Malaq / Ensaiadores André Duarte, Adriana Góes e Getúlio Lima / Iluminação Ricardo Risuenho / Figurino Luís Ferreira e Ricardo Risuenho / Trilha sonora Marco Antônio Guimarães / Produção e fotografia Carla Lee



ORÉ

Classificação etária livre

Gênero dança

Duração 45 minutos

O espetáculo apresenta aspectos do simbólico e do mítico. Relaciona o homem e a terra à era da consciência verde, visando à reflexão sobre a permanência do homem sobre a terra, seu comportamento, sua identidade, suas decisões.

Direção artística Monique Andrade e Getúlio Lima / Criação e direção coreográfica André Duarte / Bailarinos Adan Souza, Adriana Góes, André Duarte, Ângela Duarte, Baldoino Leite, Fabian Aarão, Flávio Soares, Gentil Neto, Getúlio Lima, Helen Rojas, Liene Neves, Marilucy Lima, Meire Jane Melo, Rosely Reis, Sumaia Farias, Valdo Malaq / Pesquisa bibliográfica Monique Andrade, André Duarte e Daia Santos / Trilha sonora Marlui Miranda e Tribos da Amazônia / Assistentes de coreografia Adriana Góes e Getúlio Lima / Adereços André Duarte / Figurino André Duarte (criação) e Luís Ferreira (confecção) / Diretor técnico Marcos Apolo / Produção e fotografia Carla Lee / Criação e iluminação André Duarte

PENSAMENTO **GIRATÓRIO**

PERFIL CULTURAL DO ESTADO DO AMAZONAS Conversa sobre aspectos históricos e culturais do estado, iniciativas governamentais (como a criação do Corpo de Dança do Amazonas, festivais etc.) e privadas, além de breve apresentação das instituições de ensino de artes (Universidade Estadual do Amazonas, Universidade Federal do Amazonas e Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro).

OFICINA DANÇA LIVRE (CONSCIÊNCIA CORPORAL)

Tem como objetivo despertar a consciência corporal por meio de noções básicas dos fatores do movimento (tempo, espaço, peso e fluência), visando ao conhecimento do seu esquema corporal.

Público-alvo livre

Carga horária 2 horas

Ministrante o grupo

OFICINA IMPROVISAÇÃO (DIRIGIDA E LIVRE)

Tem como objetivo estimular a criatividade dos participantes por meio de exercícios de vivências corporais para melhorar o conhecimento corporal e propor uma nova abordagem de movimentos.

Público-alvo livre

Carga horária 2 horas

Ministrante o grupo

OFICINA BALLET CLÁSSICO

Experimentação da técnica de dança clássica a partir das abordagens metodológicas propostas pelo Corpo de Dança do Amazonas.

Público-alvo iniciados em dança

Carga horária 2 horas

Ministrante o grupo

OFICINA DANÇA CONTEMPORÂNEA

Experimentação da dança contemporânea a partir das abordagens metodológicas propostas pelo Corpo de Dança do Amazonas.

Público-alvo iniciados em dança

Carga horária 2 horas

Ministrante o grupo



Paraná



O Grupo Delírio é uma das companhias mais atuantes de Curitiba e está em atividade há 27 anos. Nesse período, produziu 23 espetáculos, todos dirigidos por Edson Bueno; grande parte deles premiados e de grande sucesso, como *New York por Will Eisner*, *Lágrimas puras em olhos pornográficos*, *Metamorphosis* e *O evangelho segundo São Mateus*. A essência de sua pesquisa teatral é a utilização da palavra como linguagem e comunicação direta com a plateia, indo além da ilusão da cena teatral.

www.grupodeliriodeteatro.blogspot.com



O EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS

Classificação etária livre Gênero tragicomédia Duração 70 minutos

A partir do acontecimento dramático do desaparecimento de um filho e seu hipotético retorno à casa dos pais depois de um longo período, mãe, namorada, irmão e pai iniciam uma investigação emocional e psicológica pelos caminhos percorridos pelo rapaz em sua longa ausência. O conflito familiar é o ponto de partida para uma longa reflexão sobre a condição humana, no



que ela tem de bela, doce, engraçada, cruel e trágica. Mateus, o filho que retorna, é um segredo a ser desvendado pelo público. Os personagens dialogam abertamente com a plateia sobre suas expectativas, medos, ansiedades e desejos. Tentam viver seus personagens e, simultaneamente, refletem sobre a condição de atores que representam um drama nem sempre agradável, diante de um público nem sempre receptivo. Um exercício de radicalidade dramatúrgica e rompimento dos padrões naturais de interpretação.

Texto e direção Edson Bueno / Elenco Regina Bastos, Luiz Carlos Pazello, Marcelo Rodrigues, Janja, Diego Marchioro / Figurino Áldice Amaral / Cenário Gelson Amaral / Assistência de cenário Diego Marchioro / Iluminação Beto Bruel / Sonoplastia Marco Novack / Direção de produção Tânia Araujo e Diego Marchioro / Fotografia Sérgio Vieira

OFICINA PREPARAÇÃO DO ATOR

Visa à preparação do ator para um exercício de participação ativa na construção do espetáculo, em todos os seus aspectos. A interpretação será trabalhada com as técnicas utilizadas pelo grupo, com base em improvisações e domínio do conteúdo do espetáculo, com técnicas de domínio físico e corporal, dando ênfase nas questões do equilíbrio, desequilíbrio, pêndulo, transferência de energia, presença e inteligência cênica, ritmo e pontos de foco. A etapa seguinte parte da desconstrução da própria interpretação, em uma espécie de desnudamento capaz de desarmar o ator para que possa se relacionar com o público intimamente, buscando trocar ideias, mais do que transmiti-las. Por último, trabalhamos com a compreensão do significado da dramaturgia tanto como busca da beleza artística, pelas palavras, quanto pelo seu poder de síntese e comunicação.

Público-alvo atores iniciantes e profissionais

Carga horária 6, 8 ou 12 horas

Necessidade roupas leves

Ministrante o grupo

KAFKA – ESCREVER É UM SONO MAIS PROFUNDO QUE A MORTE

Classificação etária 14 anos Gênero drama Duração 70 minutos



Uma especulação perigosa e irresponsável sobre a infância de Franz Kafka. Como teria sido sua infância? Como poderia ter sido? Transformamos o mais famoso escritor do século XX num personagem dele mesmo e jogamos com suas palavras, seu tempo, suas ideias e obsessões. O espetáculo apresenta verdades históricas como racismo, preconceito, fascismo, mas também as lendas e os abismos psicológicos e familiares, a infância, suas assombrações e ansiedades. A linguagem do espetáculo está contaminada pelos romances, contos e aforismos do autor. Seguimos os passos de nosso escritor preferido e o transformamos em um personagem de ficção, vítima de sua própria literatura.

Texto e direção Edson Bueno / Elenco Regina Bastos, Edson Bueno, Diego Marchioro, Tiago Luz, Guilherme Fernandes, Janja / Cenografia e máscaras Gelson Amaral / Adereços Alfredo Gomes / Figurino e maquiagem Áldice Lopes / Iluminação Beto Bruel / Sonoplastia Chico Nogueira / Operador de luz Fernando Albuquerque Dourado / Produção Edson Bueno e Diego Marchioro

PENSAMENTO **GIRATÓRIO**

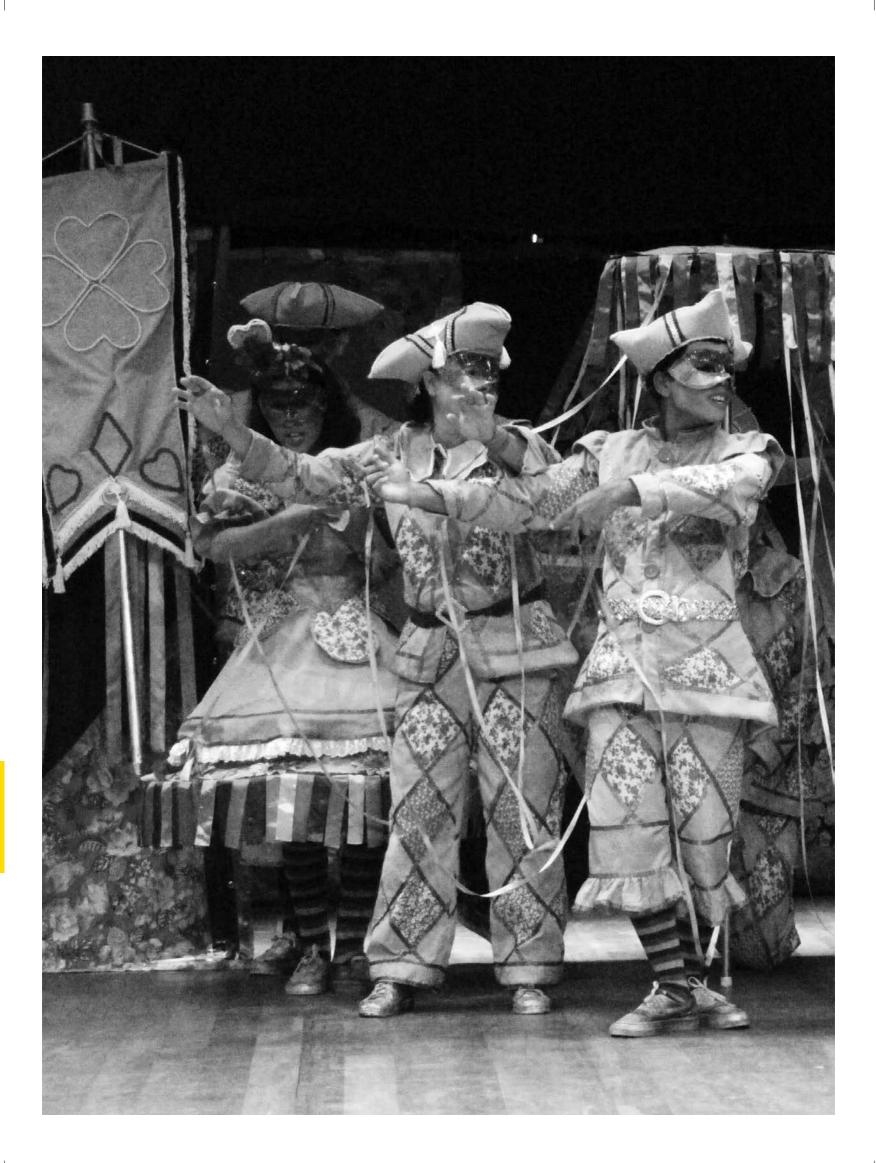
CONVERSA SOBRE O ESPETÁCULO QUE O GRUPO APRESENTARÁ *O evangelho segundo São Mateus*, evidenciando nossa construção dramatúrgica com base na adaptação do Evangelho de São Mateus e do oitavo poema de *O guardador de rebanhos*, de Fernando Pessoa. A transposição para o palco se deu pelo caminho da desconstrução da literatura para material dramático, com ênfase na importância da palavra como linguagem dramatúrgica e conteúdo essencial para a relação entre os homens. A palavra que se torna compreensível quando refletida em seus significados e reduzida à sua essência, respeitando-se os reflexos que ela provoca em cada interlocutor, conforme sua cultura, história e educação.



Sergipe

O Grupo Imbuaça (nome que homenageia o embolador Mané Imbuaça), foi fundado na cidade de Aracaju/SE, em 28 de agosto de 1977, com o objetivo de montar espetáculos de rua inspirados na cultura popular. Ao longo dos seus 33 anos de atividades, montou 24 espetáculos, viajou por quase todo o Brasil e por países como Portugal, Equador, Cuba e México. Mantém uma sede onde desenvolve ações como o Projeto Mané Preto, oficinas de teatro e apresentações de espetáculos. É também Ponto de Cultura Digital.

www.imbuaca.com.br





O MUNDO TÁ VIRADO

Classificação etária livre Gênero teatro de rua Duração 60 minutos

O texto é fruto da união de três histórias curtas que refletem com humor a condição ingênua do ser humano e seu antônimo: a esperteza. Elementos convencionais da ação teatral aliam-se a novos procedimentos estéticos. O grupo construiu a poética do espetáculo com rimas, imagens, música e dança.

Texto e concepção Iradilson Bispo / Elenco Isabel Santos Neves, Manoel Luiz Cerqueira, Lindolfo Amaral, Luciano Lima, Talita Calixto, Rita Maia, Carlos Wilker, Kessia, Mercya, Rose Moura / Trilha sonora Cancioneiro popular (músicas folclóricas, domínio popular) / Técnico de som Cristiano Andrade / Montagem Rogers Nascimento Santos

REPERTÓRIO

TEATRO CHAMADO CORDEL

Classificação etária livre Gênero teatro de rua Duração 60 minutos

Três textos da literatura de cordel, "O matuto com o balaio de maxixi", de José Pacheco, "A moça que bateu e virou cachorra", de Rodolfo Coelho Cavalcante e "Malandro e Graxeira no chumbrego da orgia", de vários cordelistas, são intercalados por danças e músicas folclóricas. Em clima de muito humor, o espetáculo apresenta o universo fantástico da literatura popular. A cena é invadida por personagens do cotidiano que discutem questões universais.



Textos "O matuto com o balaio de maxixi", de José Pacheco, "A moça que bateu e virou cachorra", de Rodolfo Coelho Cavalcante e "Malandro e Graxeira no chumbrego da orgia", de vários cordelistas / Adaptação Antonio do Amaral, Benvindo Sequeira e João Augusto / Elenco Isabel Santos Neves, Manoel Luiz Cerqueira, Lindolfo Amaral, Iradilson Bispo, Luciano Lima, Talita Calixto, Rita Maia, Carlos Wilker, Kessia, Mercya, Rose Moura / Trilha sonora músicas folclóricas / Técnico de som Cristiano Andrade / Montagem Rogers Nascimento Santos

A GRANDE SERPENTE

Classificação etária 16 anos **Gênero** teatro de rua **Duração** 70 minutos

"A ação se passa em uma cidade imaginária do interior do Nordeste, ilhada por caatingas, isolada do resto do mundo". Essas são palavras do professor e pesquisador Paulo Vieira, que prefaciou o livro do autor da obra, o potiguar Racine Santos. Para ele, a trama aborda

principalmente "o tema do incesto, dos mistérios insondáveis que condam a natureza humana, do crime e do castigo, pois a seca no poço não é outra coisa que não a punição pelo mau caminho, libertando dessa maneira a esfinge, ou por outra, a besta-fera". Nessa história encontramos uma chave preciosa, a conexão com a tragédia sofocliana.

Texto Racine Santos / Direção João Marcelino / Assistente de direção Lindolfo Amaral / Elenco Isabel Santos Neves, Manoel Luiz Cerqueira, Iradilson Bispo, Luciano Lima, Talita Calixto, Rita Maia, Carlos Wilker, Kessia, Mercya, Rose Moura / Trilha sonora Eduardo Pinheiro e João Marcelino / Técnico de som Cristiano Andrade / Iluminação Denys Leão / Montagem Rogers Nascimento Santos



OFICINA TEATRO DE RUA

A cultura popular é a grande fonte para o desenvolvimento da pesquisa de linguagem de nossos espetáculos: as danças dramáticas, a ludicidade e a literatura de cordel são alguns exemplos que serão utilizados ao longo da oficina.

Público-alvo atores, pesquisadores da cultura popular, estudantes de teatro e de literatura

Carga horária 20 horas

Ministrantes atores do Imbuaça, sob a coordenação de Lindolfo Amaral



IN.CO.MO DE-TE

Rio Grande do Sul

A IN.CO.MO.DE-TE existe há quatro anos e traz em seu currículo as montagens *Mamãe foi pro Alaska* (livre adaptação do texto "True West", de Sam Shepard, dirigido por Ramiro Silveira); *O Gordo e o Magro vão para o céu* (texto de Paul Auster, com direção de Liane Venturella e Nelson Diniz); e, atualmente, *Dentrofora* (baseado no texto "Hide and Seek", de Paul Auster, dirigido por Carlos Ramiro Fensterseifer). O espetáculo *Mamãe foi pro Alaska*, realizado em parceria com o grupo Teatro Estúdio, recebeu o Prêmio Funarte Myriam Muniz de Teatro 2005, teve sete indicações ao Prêmio Açorianos de Teatro 2006, vencendo na categoria de melhor atriz coadjuvante, e cinco indicações para o Prêmio Quero-Quero Sated 2006, vencendo nas categorias de melhor ator e atriz coadjuvante. *O Gordo e o Magro vão para o Céu* recebeu o Prêmio Funarte Myriam Muniz de Teatro 2007, e cinco indicações ao Prêmio Açorianos de Teatro 2008, vencendo na categoria de melhor ator. *Dentrofora* é a última montagem do grupo e foi financiada pelo Fumproarte 2008 da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Foi indicada ao Prêmio Açorianos de Teatro 2009 em oito categorias e venceu as categorias de melhor ator e cenário.

http://www.facebook.com/incomode.te?ref=profile



DENTROFORA

Classificação etária 14 anos Gênero tragicomédia Duração 48 minutos

O espetáculo é uma metáfora sobre o ser humano contemporâneo. Conta o momento em que duas personagens, chamadas apenas Homem e Mulher, se encontram presas em duas caixas. A peça explicita a imobilidade do ser humano perante a vida.

Direção Carlos Ramiro Fensterseifer / Elenco Nelson Diniz e Liane Venturella / Cenário Élcio Rossini / Figurino, maquiagem e design gráfico Rodrigo Nahas / Trilha sonora original Álvaro Rosa Costa / Iluminação Cláudia de Bem / Produção In.Co.Mo.De-TE / Fotografia Alex Ramirez

REPERTÓRIO

O GORDO E O MAGRO VÃO PARA O CÉU

Classificação etária 14 anos Gênero comédia Duração 60 minutos

Dois grandes ícones do cinema, o Gordo e o Magro, transpostos por Paul Auster para um lugar indefinido que pode ser o céu, a terra ou os campos elísios, têm uma tarefa definida: construir um muro com 18 pesadas pedras. O trabalho é constantemente vigiado e obriga que eles sejam eficientes em suas funções, que não é mais apenas fazer rir.

Direção Liane Venturella e Nelson Diníz / Elenco Carlos Ramiro Fensterseifer e Heinz Limaverde / Iluminação Nara Maia / Trilha sonora original Álvaro Rosa Costa / Cenário e figurino Rodrigo Nahas / Produção In.Co.Mo.De-Te / Fotografia Nara Maia e Álvaro Rosa Costa





OFICINA ATOR EM PROCESSO

A oficina é direcionada para interessados em usar mais conscientemente seu corpo, desenvolvendo uma sistemática de trabalho que busque precisão, economia e limpeza de movimentos. Os exercícios utilizados foram selecionados pelos atores Nelson Diniz e Liane Venturella.

Público-alvo grupos de teatro, estudantes de teatro e público em geral

Carga horária 8 horas divididas em dois turnos ou 4 horas em um turno

Necessidade roupas adequadas para atividades físicas

Ministrante o grupo

PENSAMENTO GIRATÓRIO

O PROCESSO DE CRIAÇÃO: ATOR X TEXTO Serão abordadas as várias maneiras de se trabalhar a dramaturgia em cena. Como uma história escrita pode se transformar em teatro? A contribuição do ator com sua voz e seu corpo e a transposição do personagem que sai do papel e vai para o palco. Usando ou não a palavra, em todos os casos, o ator pode e deve enriquecer seu personagem trazendo elementos novos não sugeridos pelo autor.

O TEATRO HOJE E ONTEM A intenção é criar um debate sobre a evolução do teatro. Que tipo de mudança ocorreu entre a cena e a sua relação com o público? Como o clássico foi sendo substituído e adaptado ao contemporâneo? De um modo geral serão revisadas algumas das tendências e caminhos que foram necessários para que o teatro acompanhasse a evolução do mundo até os dias de hoje.

O ARTESANATO TEATRAL FRENTE AO MUNDO CONTEMPORÂNEO O que nós, pensadores de teatro, atores, diretores e dramaturgos, devemos fazer para que essa arte artesanal (feita por pessoas presentes) possa tornar-se atrativa e interessante em um mundo altamente tecnológico? Como o teatro obriga-se, cada vez mais, a utilizar recursos e aparatos técnicos criando uma linguagem multimídia? Essa riqueza de recursos pode servir à concepção e à percepção teatrais? Até onde a tecnologia pode contribuir para a concepção da cena, não sobrepondo o trabalho do ator, sem desfazer a essência da figura viva, mas jogando com o virtual e o real?

MÃO MOLENGA BONECOS

Pernambuco

O Mão Molenga Teatro de Bonecos é uma companhia especializada em bonecos e formas animadas, que atua em teatro desde 1986. Nesses 24 anos de atividades ininterruptas, a companhia tem levado sua arte aonde é possível, sempre com o desejo de conquistar diferentes públicos e estimular novos artistas a seguirem o mágico ofício de dar vida ao inanimado. Seu espetáculo de estreia foi O retábulo da barafunda. Nele, eram manipulados bonecos de boca articulada feitos de espuma e tecido. Nos anos seguintes, o grupo aprimorou técnicas de confecção e manipulação, diversificando sua produção, utilizando papier maché, couro, madeira e diferentes materiais e acabamentos. Em O sem nome, montagem experimental baseada na adaptação livre do texto "Coram Populo", do sueco August Strindberg (1849-1012), os bonecos foram criados inspirados no universo fantástico do pintor holandês Hieronymus Bosch (1450-1516). Com suas produções mais recentes, *A cartola encantada* e Babau, o Mão Molenga chegou a todas as regiões do país. Contamos mais de 15 anos de experiência em TV, destacando-se a participação na campanha de São João do SBT (TV Jornal-Recife), de 1991 a 1996, com historinhas criadas, produzidas e codirigidas pelo grupo. Mais recentemente, entre 1998 e 2001, o Mão Molenga protagonizou com seus bonecos os 30 episódios da Série Cinco Séculos de História, realizada pela Fundação Joaquim Nabuco (MMP) para a TV Escola/MEC, até hoje na programação de TVs públicas e educativas.

www.maomolenga.blogspot.com



O FIO MÁGICO

Classificação etária crianças maiores de 7 anos e adultos Gênero teatro de animação Duração 60 minutos

O fio mágico é a história de Gérard, um menino impaciente que recebe o dom de adiantar o tempo manipulando o fio de sua própria vida. Mesmo diante de uma situação fantástica, que aparentemente resolveria seus problemas, o personagem se depara com conflitos entre o bem e o mal, o envelhecimento e a inevitabilidade da morte. A vivência o leva a construir outro olhar sobre o significado da vida. A história mostra que é possível vencer obstáculos e ser bem-sucedido mesmo sem ter um dom especial.

Direção cênica e de arte Marcondes Lima / Autora Carla Denise / Elenco Fábio Caio, Marcondes Lima, Fátima Caio / Criação dos bonecos Marcondes Lima e Fábio Caio / Execução dos bonecos e adereços Atelier do Mão Molenga e convidados: Altino Francisco, Elias Costa e Lucas Torres / Direção musical Henrique Macedo / Composições Henrique Macedo e Carla Denise / Confecção de cenário Atelier do Mão Molenga / Marcenaria Gustavo Araújo Teixeira / Cenário em 2D George Cabral / Confecção de figurino (atores e bonecos) Maria Lima / Programação visual e Design de luz Sávio Uchoa / Operador de luz Pedro Vilela / Técnico de som José Neto / Fotografia e divulgação Carla Denise / Produção Mão Molenga Teatro de Bonecos

REPERTÓRIO

ERA UMA VEZ

Classificação etária livre Gênero teatro de animação Duração 50 minutos

Cansada de fazer o papel de vilã, a bruxa interrompe a encenação de Rapunzel. Para desespero dos outros personagens, ela resolve ser a mocinha da história. A verdadeira princesa, indignada, decide defender a todo custo seu posto de linda e meiga. Trata-se de uma disputa bem humorada pelo papel principal. Entre encantamentos e feitiços, números musicais e brincadeiras com a plateia, a história toma rumos inesperados, incorporando elementos de vários contos de fadas.

Autora Carla Denise / Direção cênica o grupo / Direção de arte Marcondes Lima / Argumento o grupo / Elenco Fábio Caio, Marcondes Lima, Fátima Caio / Criação dos bonecos Marcondes Lima e Fábio Caio / Direção musical Henrique Macedo / Composições Henrique Macedo e Carla Denise / Confecção de figurino Maria Lima / Confecção de cenário Atelier do Mão Molenga / Design de luz Sávio Uchoa / Operador de luz Pedro Vilela / Técnico de som José Neto / Produção Mão Molenga Teatro de Bonecos



OFICINA NO MUNDO DOS BONECOS

A oficina propõe um estudo, de caráter teórico, em que são abordadas a história do teatro de animação, a tipologia de bonecos e as diferentes técnicas de manipulação. Tem como objetivo oferecer uma visão abrangente e esclarecedora sobre o universo do teatro de formas animadas.

Público-alvo atores, bonequeiros e arte-educadores (máximo de 30 pessoas)

Carga horária 4 horas (mínimo)

Ministrante o grupo

OFICINA BRINCANDO COM MÃO MOLENGA

A oficina é baseada nas sistemáticas de trabalho vivenciadas pelos integrantes do Mão Molenga ao longo de 25 anos. Privilegia experiências práticas que incluem treinamento físico para atores e não atores, diferentes técnicas de manipulação e confecção de bonecos.

Público-alvo atores, bonequeiros e arte-educadores (máximo de 20 pessoas)

Carga horária 6 a 8 horas

Necessidade roupas confortáveis

Ministrante o grupo

PENSAMENTO GIRATÓRIO

A INTERDISCIPLINARIDADE NO TEATRO DE ANIMAÇÃO

Reflexão sobre o caráter interdisciplinar dessa forma de representação, envolvendo conceitos vindos dos estudos teatrais, da pedagogia do teatro e da psicologia.

TEATRO PARA A INFÂNCIA E TEATRO DE ANIMAÇÃO: EXPRESSÕES MARGINAIS Reflexão sobre a condição marginal dessas duas formas de teatro ao longo da história e na contemporaneidade.

HIBRIDISMOS NO TEATRO DE ANIMAÇÃO Reflexão sobre as possibilidades de interação entre diferentes linguagens artísticas potencializadas pelo teatro de animação.



Rio de Janeiro

O Grupo Teatral Moitará, desde 1988, desenvolve uma pesquisa continuada sobre o trabalho do ator, buscando compreender os princípios que fundamentam sua arte. Tem nos estudos dos aspectos e funções da máscara teatral a base para a elaboração de uma metodologia própria. Ao longo desses anos, vem realizando projetos artísticos, didáticos e socioculturais em todo o Brasil, por meio de oficinas, espetáculos, exposições e palestras-espetáculos.

www.grupomoitara.com.br





QUIPROCÓ
Classificação etária livre
Gênero comédia
Duração 55 minutos

Quiprocó é um espetáculo lúdico que se alimenta do universo cultural brasileiro para a criação de tipos genuínos, com seus sonhos, crenças e costumes, fazendo alguns paralelos com os arquétipos da Commedia dell'Arte. O espetáculo contempla o espírito festivo dos

princantes, a inventividade dos contadores de causos e a criatividade de sobrevivência do povo brasileiro. Em um oportuno encontro, três personagens-tipos, cada um na sua rotina, tentam saciar seus desejos utilizando artimanhas de sobrevivência e, num jogo divertido de quiproquós, deflagram conflitos dos sentimentos humanos.

Direção Venício Fonseca / Roteiro, texto e produção Grupo Teatral Moitará / Elenco André Marcos, Erika Rettl e Fabiano Manhães / Preparação de atores com a linguagem da máscara teatral Erika Rettl e Venício Fonseca / Criação das máscaras Venício Fonseca e Erika Rettl / Confecção das máscaras André Marcos, Erika Rettl e Fabiano Manhães / Pintura das máscaras Erika Rettl / Produção executiva Venício Fonseca / Assistente de produção Angela Mattos / Figurino, adereços e cenário Carlos Alberto Nunes / Assistente de figurinos e adereços Lia Farah / Confecção de figurinos Suely Gerhardt (brincantes), Selma de Almeida (personagens) e Berenice Dias Lopes (cenário) / Confecção do boneco Márcia Marques / Pintura de arte, cenário e visagismo Martine Brillard / Educação vocal Alba Lírio / Iluminação Djalma Amaral / Operador de luz Alberto Timbó / Arranjos das músicas, preparação musical e orientação para acordeon Fáthima Rodrigues / Embolada quiprocó (letra e música) Mauro Menezes / Orientação para violino Frida Maurine / Cenotécnica Antonio Domingues (Tuninho) e Álvaro de Sousa / Assistente de cenotécnica Fagner Campos / Fotografia Celso Pereira e Djalma Amaral

OFICINA TÉCNICA DE UTILIZAÇÃO DE MÁSCARAS

O jogo com a máscara propõe ao ator a busca de um estado de qualidade de energia para tornar essencial o gesto, sugerindo um tom de voz específico que evidencia a situação da personagem. Quando a máscara está viva em cena, ela deixa de ser um objeto para se tornar um indivíduo, que representa uma natureza além do convencional, catalisando a atenção do espectador. Nessa oficina serão desenvolvidos trabalhos com ações físicas e vocais que servirão de base para o jogo da máscara teatral, tendo como objetivo uma reflexão prática sobre a dramaturgia do ator.

Público-alvo atores e bailarinos

Carga horária 4, 6 ou 8 horas

Necessidade roupas leves para a prática de exercícios

Ministrante o grupo

REPERTÓRIO

ACORDA ZÉ, <u>A COMADRE TÁ DE PÉ!</u>

Classificação etária livre Gênero comédia Duração 55 minutos



Acorda Zé, a comadre tá de pé é um espetáculo farsesco que mergulha no universo cultural brasileiro, fazendo um paralelo entre alguns tipos populares da nossa cultura e personagens da Commedia dell'Arte. O espetáculo conta a epopeia de Zé-di-Riba, um personagem malazarteano, contador de causos, que inventa histórias cheias de vantagens e presepadas para se livrar de "fazer servicinho para os outros". Maria, mulher de Zé-di-Riba, escuta na rádio a notícia de um eclipse. Assustada com as crendices de mau agouro, corre para contar a notícia a seu marido, mas encontra-o deitado na rede, com sua preguiça de sempre. Zé aproveita a oportunidade para contar uma história fabulosa, enrolando Maria em mais um de seus causos. Quando o dia escurece, Zé é premiado com mais uma noite. Sonha que vai procurar emprego na fazenda do Coronel Leitão, cujo capataz e conselheiro é seu arquirival. Sonho e realidade se fundem, transformando tudo num grande pesadelo. Zé, frente a frente com o destino, é colocado em xeque para decidir o curso dessa história.

Texto, dramaturgia e direção artística Venício Fonseca / Elenco André Marcos, Diogo Borges, Erika Rettl, Fabiano Manhães, Mariana Bernardes Baltar, Venício Fonseca / Roteiro Venício Fonseca e Erika Rettl / Assistência de direção Erika Rettl e Diogo Borges / Máscaras Donato Sartori e Centro Maschere e Strutture Gestuali (Maria, Conselheiro e Rei), Venício Fonseca (Zé-di-Riba) / Direção musical, composições, arranjos e trilha sonora Mauro Menezes / Desenho e adereço de luz Djalma Amaral / Cenário e figurino Carlos Alberto Nunes / Adereços Carlos Alberto Nunes, Arlete Rua, Thais Boulanger, Manoel Puoci e Nilton Katayama / Preparação dos atores com a linguagem da máscara teatral Erika Rettl e Venício Fonseca / Arranjo de rabeca Beto Lemos / Locução de rádio Mauro Menezes / Gravação da sonoplastia Oyama Sans / Música "Bolero da Caetana": Alba Lírio (voz), Fáthima Rodrigues (acordeom), Mauro Menezes (violão), Pedro Moita (caixa sinfônica) e Ramon Murcia (flauta e percussão) / Educação vocal Alba Lírio / Musicalização e ritmo Bethi Albano / Iluminação Wivison Alves Pereira e Paulo Inácio dos Santos (montagem) / Operador de luz Elisa Tandeta

PENSAMENTO GIRATÓRIO

A MÁSCARA NA ENERGIA DO ATOR Uma palestra-espetáculo que trata do tema recorrente no trabalho de criação desse grupo. A proposta visa refletir sobre a contribuição técnica e artística da máscara teatral para a formação do ator e o desenvolvimento de um teatro essencial.

São Paulo

NAMAKACA

Após trabalhar por mais de sete anos com os maiores grupos de circo contemporâneo de São Paulo, os palhaços César Cara de Pau, Montanha Carvalho e Cafi Otta uniram-se para formar o Grupo Namakaca, pretendendo preservar e ampliar, por meio de pesquisas contínuas, os horizontes da linguagem do palhaço brasileiro. O grupo integrou o elenco do longa-metragem O contador de histórias, do diretor Luis Villaça, e participou do espetáculo Noé, Noé, deu a Iouca no convés, da Companhia Teatro Dança Ivaldo Bertazzo. O espetáculo \acute{E} n'ois na xita conquistou diversos prêmios pelo Brasil afora, em mais de 350 apresentações para cerca de 100.000 pessoas de todas as idades. Fora do Brasil, estiveram no Japão, na Eslovênia, na Grécia e na Espanha.

www.namakaca.com.br



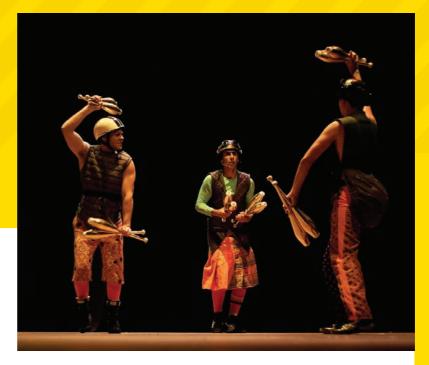
É NÓIS NA XITA

Classificação etária livre Gênero circo, teatro de rua Duração 45 minutos

Espetáculo infanto-juvenil que recorre intensivamente ao humor. Descontraído, dinâmico e cheio de variedades e atrações, mostra em 45 minutos o convívio entre três personagens, os palhaços Cara de Pau, Montanha e Cafi, que disputam os aplausos do público, aceitando os próprios equívocos como fonte de inspiração e improvisação. Utiliza-se de linguagens e técnicas circenses como malabarismo, monociclo, acrobacias, equilibrismo e palhaçadas. É também musical, brincando com instrumentos como o cavaquinho, o pandeiro e diferentes efeitos percussivos. Com uma montagem rápida e versátil, o espetáculo É nóis na xita transforma qualquer lugar em um verdadeiro circo e pode ser realizado em praças públicas, ruas, escolas, ginásios, teatros e sob lonas de circo.

Direção Alexandre Roit / Atuação, percussão, cavaquinho e vocal André Carvalho, Cafi Otta e César Lopes / Figurino e cenário Grupo Namakaca / Contrarregragem Fernando Nicolini





REPERTÓRIO

BESOURO MUTANTE

Classificação etária livre Gênero circo Duração 50 minutos

O mais novo número da trupe. Tétano, o fusquinha 1973, uma espécie de xodó da companhia, andava muito velho e combalido até ser escolhido pela MTV para realizar uma enorme mutação. Em 2008, transformou-se em um Volks Hot Rod preparado especialmente para espetáculos de palhaços, com equipamentos de som, mudanças mecânicas e apetrechos circenses, como uma cama elástica no banco traseiro.

Concepção Grupo Namakaca / Elenco André Carvalho, Cafi Otta e Cesar Lopes / Figurino e cenário Inês Sacay / Trilha sonora Grupo Namakaca / Produção executiva Cafi Otta

OFICINA TÉCNICAS CIRCENSES, PIRÂMIDE HUMANA E MALABARISMO COM BOLAS

Utilizamos jogos corporais, jogos cooperativos e vivências técnico-circenses como processos pedagógicos para o desenvolvimento dos exercícios, o que permite o aumento gradativo e seguro da dificuldade das propostas e fixação do aprendizado de movimentos circenses básicos fundamentais.

Público-alvo crianças maiores de 8 anos, adolescentes e adultos

Carga horária 4 horas (mínimo).

Necessidade os alunos podem levar seus próprios equipamentos circenses.

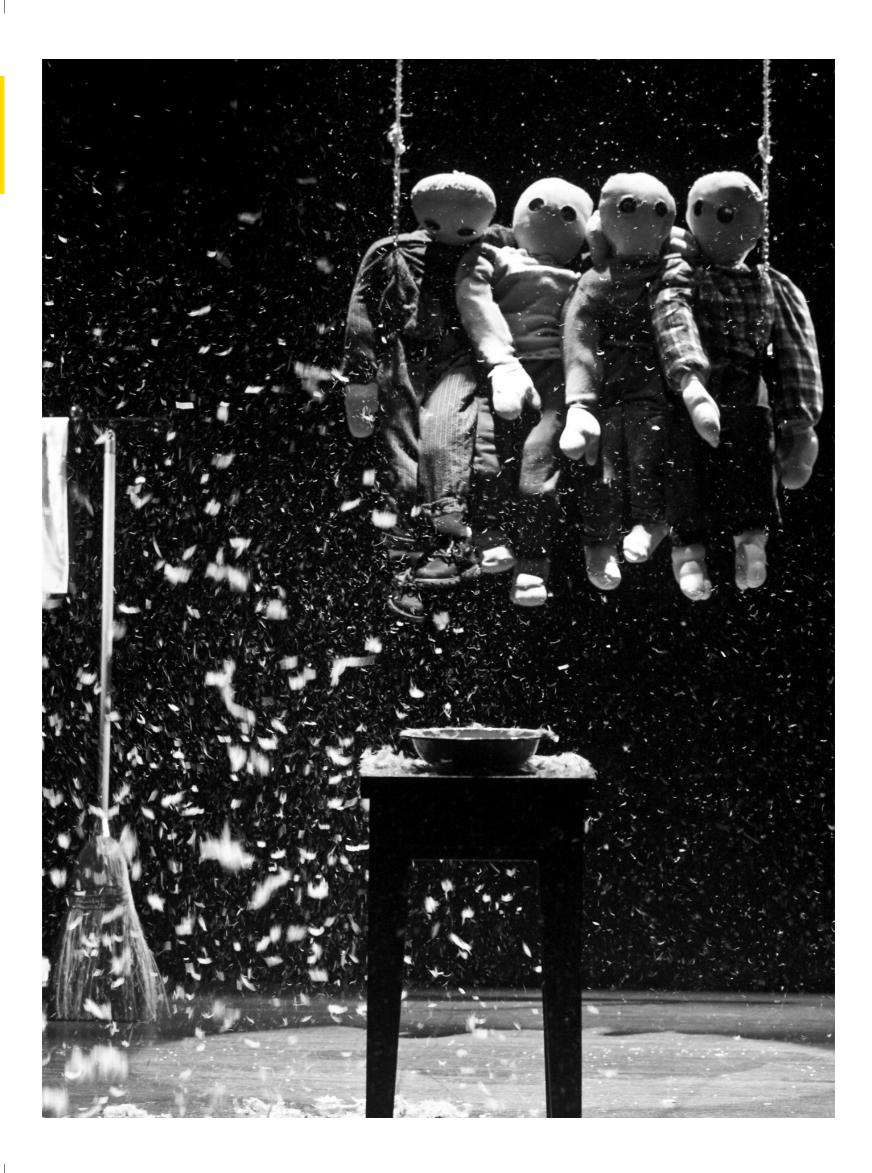
Ministrantes André Carvalho, Cafi Otta e César Lopes

PERSONA CLA DE TEATRO EM TRÂMITE

Santa Catarina

A parceria entre as duas companhias é fruto de árduo trabalho de quase dez anos nos quais cada uma trabalhou individualmente. Reconhecidas dentro e fora do estado de Santa Catarina, a Persona Companhia de Teatro e o Teatro em Trâmite são a prova real de uma força estética que tem se firmado no compromisso com a poesia, o trabalho intenso da musicalidade e a interface com a cena. Fora do eixo Rio-São Paulo, os grupos, desde sua fundação, procuraram estabelecer um ritmo de trabalho que pudesse atender tanto aos seus anseios estéticos (com a busca de novos autores e dramaturgos, fazendo descobertas fundamentais, como a obra do escritor uruguaio Horacio Quiroga) como aos anseios pedagógicos (com a fundação de uma escola de arte que é o local de ensaio e de ensino para a comunidade). O espetáculo *A galinha degolada* é o trabalho que marca o início da parceria dos grupos. Ambos possuem carreiras distintas, com espetáculos e pesquisas de estéticas particulares. O espetáculo fez convergir seus interesses para um lugar comum, o das trocas de experiências artísticas e intelectuais.

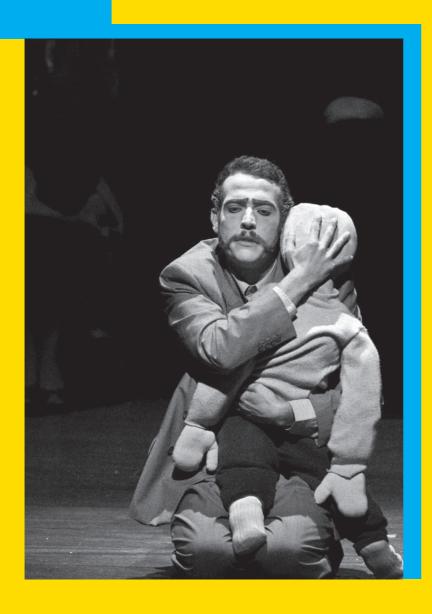
www.personateatro.com.br



A GALINHA DEGOLADA Classificação etária 12 anos Gênero drama Duração 45 minutos

A galinha degolada conta a história do casal Mazzini-Ferraz e seus quatro filhos "idiotas". Portadores de uma doença mental incurável, os meninos sofrem todas as consequências da falta de amor entre os pais. Passado certo tempo, nasce uma menina, que não é acometida pela mesma doença, mas que acaba revelando o verdadeiro sentido da falta de cuidado e amor do casal.

Texto Horacio Quiroga / Tradução e adaptação Gláucia Grigolo e Jefferson Bittencourt / Direção Jefferson Bittencourt / Elenco André Francisco, Gláucia Grigolo, Loren Fischer e Samantha Cohen / Cenário e adereço Jânio Roberto de Souza / Figurino Gláucia Grigolo e Samantha Cohen / Maquiagem Adriana Bernardes / Trilha sonora e iluminação Jefferson Bittencourt / Fotografia Cristiano Prim / Técnicos Jefferson Bittencourt e Lorenzo Souza



OFICINA A MUSICALIDADE NA CONSTRUÇÃO DA CENA E NO TRABALHO DO ATOR

A oficina é dividida em duas partes. A primeira tem o foco voltado para a consciência corporal para configurar um conceito técnico a ser explorado na segunda parte, na qual o objetivo é ampliar o sentido da audição no trabalho do ator e do diretor em seus respectivos processos criativos. A proposta é trabalhar, a partir da música e da voz, os elementos essenciais do processo de criação tanto do ator como do diretor. Partindo de referências apresentadas nas terminologias musicais é possível traçar muitos paralelos com o trabalho da interpretação e da direção. Assim, com base em certos elementos, como a leitura de um discurso musical para uma cena, as possibilidades de diálogo de uma música com uma ação, a comparação de uma partitura musical com uma partitura corporal/vocal, é possível se realizar um estudo amplo de sentidos e ideias a respeito do que a música pode oferecer no exercício que chamamos de "ouvir teatral".

Público-alvo atores e diretores

Carga horária 8 horas

Ministrantes André Francisco, Jefferson Bittencourt

OFICINA INICIAÇÃO À LINGUAGEM TEATRAL

O objetivo da oficina é proporcionar o contato das pessoas com o universo artístico, mais especificamente com o trabalho do ator. Por meio de dinâmicas de grupo, jogos de improvisação, atividades de expressão corporal e vocal, serão discutidas e praticadas noções básicas do trabalho de atuação. Os encontros pretendem proporcionar aos participantes (adolescentes e adultos) um espaço lúdico e de criatividade, onde possam descobrir suas potencialidades criativas, e despertar o gosto dos participantes pela linguagem teatral, estimulando o senso crítico e estético pela experiência do trabalho em grupo.

Atividades dinâmicas de integração; jogos de improvisação a partir de situações dadas ou criadas pelos participantes; noções de interpretação; trabalho com textos e construção de cenas; expressão corporal: composição de movimentos, conscientização da utilização do corpo como instrumento expressivo; sensibilização: percepção da relação corpo/espaço/tempo; jogos dramáticos: trabalho calcado na improvisação corporal a partir de diversos estímulos, como músicas, imagens e textos.

Público-alvo adolescentes e adultos

Carga horária 8 horas

Ministrantes Gláucia Grigolo, Loren Fischer e Samantha Cohen

PENSAMENTO GIRATÓRIO

TEATRO DE GRUPO a) Apresentação do livro *Teatro de grupo: trajetórias e relações – impressões de uma visitante*, de Samantha Cohen.

b) Discussões sobre a realidade de trabalho dos grupos parceiros Persona Cia. de Teatro e Teatro em Trâmite.

PESQUISAS Conversas relativas às pesquisas de cada coletivo: a) Persona Cia. de Teatro – Musicalidade e ator marionete.

b) Teatro em Trâmite - Conceito de treinamento e formação de ator.

TEATRO EPENDENTE

Rio de Janeiro

O Teatro Independente foi criado em 2006 com o esquete *Cachorro!*, vencedor dos prêmios de Melhor Esquete e Melhor Direção no I Mercadão Cultural RJ e do III Festival de Esquetes de Cabo Frio. O esquete deu origem ao primeiro espetáculo do grupo, também intitulado *Cachorro!*, que recebeu indicação ao Prêmio Shell 2007 de Melhor Direção. Atualmente em turnê, o espetáculo ficou em temporada no Rio de Janeiro e em São Paulo, percorreu 11 cidades do Rio Grande Sul e participou de festivais como o FIT de São José do Rio Preto (SP), São João Del Rey (MG) e o FITA de Angra dos Reis (RJ). *Rebu* é o mais recente espetáculo do grupo.

www.teatroin dependent e.com.br



REBU

Classificação etária 14 anos Gênero tragicomédia Duração 75 minutos

Matías e Bíanca são recém-casados e moram numa casa isolada em meio a um descampado. O casal se prepara para receber Vladine, irmã doente de Matías, que traz consigo seu bem mais precioso: Natanael, uma espécie de filho. A hiperbólica e exigida cautela com a saúde da hóspede e a presença do seu acompanhante fazem com que Bianca, aos poucos, crie uma rivalidade com ambos, levando o embate às últimas consequências.

Direção Vinícius Arneiro / Texto Jô Bilac / Elenco Carolina Pismel,
Diego Becker, Júlia Marini e Paulo Verlings / Cenário Daniele
Geammal / Figurino Marcelo Olinto / Iluminação Paulo César
Medeiros / Trilha sonora original Luciano Corrêa / Produção Teatro
Independente



REPERTÓRIO

CACHORRO!

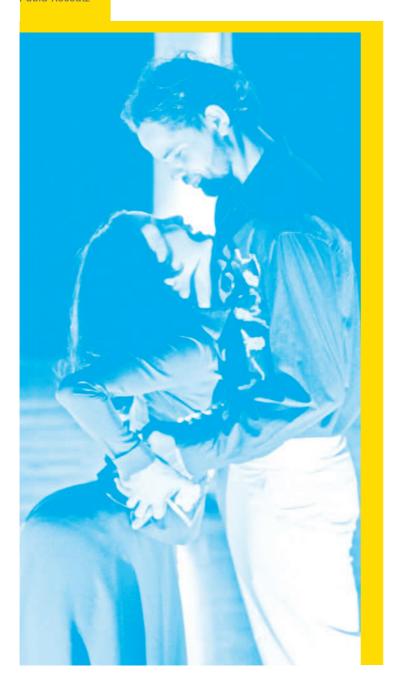
Classificação etária 14 anos

Gênero drama

Duração 70 minutos

Cachorrol narra a trajetória de um triângulo amoroso composto por uma mulher e dois homens que são amigos há muito tempo. O drama dá-se de forma contundente na medida em que o marido não está ciente da "sociedade amorosa" na qual está inserido. A sensação de perigo constante e o desejo pelo proibido fazem com que os amantes se arrisquem mais do que deveriam.

Texto <mark>Jô Bilac / D</mark>ireção **Vinícius Arneiro /** Elenco **Carolina Pismel, Paulo Verlings e Vinícius Arneiro** / Iluminação **Paulo César Medeiros** / Figurino **Júlia Marini** / Trilha sonora original **Diogo Ahmed** / Cenário **Daniele Geammal** / Preparação vocal **Stefânea Corteletti** / Fotografia Paula Kossatz



OFICINA O ATOR NO PROCESSO COLABORATIVO

A oficina tem como finalidade a interação dos integrantes do Teatro Independente com atuantes das artes cênicas. O tema traduz o processo da concepção de um espetáculo dentro da Cia. O ator é incitado a criar com o encenador e a levantar material para a pesquisa em questão. Serão propostos exercícios utilizados pela companhia em seus processos.

Público-alvo atores e estudantes de teatro (máximo de 20)

Carga horária 4 ou 8 horas

Necessidade roupa leve para trabalho prático

Ministrante o grupo

PROGRAMAÇÃO

Para mais informações sobre a programação, acesse: www.sesc.com.br/palcogiratorio



Grupo	Regional	Mês
TEATRO INDEPENDENTE	SC	MARÇO
IMBUAÇA	SC	MARÇO
CIA. POLICHINELO	SC	MARÇO
GRUPO DELÍRIO	SC	MARÇO
PERSONA CIA. DE TEATRO & TEATRO EM TRÂMITE	ESEM	MARÇO
PERSONA CIA. DE TEATRO & TEATRO EM TRÂMITE	AL	MARÇO
CIA, DO TIJOLO	ESEM	MARÇO
_CIA. DO TIJOLO	CE	MARÇO
AMOK	CE	ABRIL
AMOK	MT	ABRIL
CAIXA DO ELEFANTE	CE	ABRIL
TEATRO INDEPENDENTE	SC	ABRIL
TEATRO INDEPENDENTE	MS	ABRIL
TEATRO INDEPENDENTE	TO	ABRIL
TEATRO INDEPENDENTE	CE	ABRIL
TEATRO INDEPENDENTE	RN	ABRIL
TEATRO INDEPENDENTE	AM	ABRIL
TEATRO INDEPENDENTE	RR	ABRIL
TEATRO INDEPENDENTE	Pl	ABRIL
IMBUAÇA	ВА	ABRIL
IMBUAÇA	CE	ABRIL
IMBUAÇA	MT	ABRIL
IMBUAÇA	RS	ABRIL
IMBUAÇA	PE	ABRIL
CIA. POLICHINELO	ES	ABRIL
CIA. POLICHINELO	CE	ABRIL
CIA. POLICHINELO	Pl	ABRIL
CIA. POLICHINELO	PB	ABRIL
GRUPO DELÍRIO	CE	ABRIL
GRUPO DELÍRIO	BA	ABRIL

Grupo	Regional	Mês
CORPO DE DANÇA DO AMAZONAS	CE	ABRIL
PERSONA CIA. DE TEATRO & TEATRO EM TRÂMITE PERSONA CIA. DE TEATRO & TEATRO EM TRÂMITE	PE CE	ABRIL ABRIL
PERSONA CIA. DE TEATRO & TEATRO EM TRÂMITE PERSONA CIA. DE TEATRO & TEATRO EM TRÂMITE	PA	ABRIL
PERSONA CIA. DE TEATRO & TEATRO EM TRÂMITE	TO	ABRIL
PERSONA CIA. DE TEATRO & TEATRO EM TRÂMITE	RR	ABRIL
CIA. DITA	CE	ABRIL
CIA. DO TIJOLO	CE	ABRIL
CIA. DO TIJOLO	PB	ABRIL
CIA. DO TIJOLO	BA	ABRIL
NAMAKACA	CE	ABRIL
MÃO MOLENGA TEATRO DE BONECOS	CE	ABRIL
MÃO MOLENGA TEATRO DE BONECOS	PB	ABRIL
MÃO MOLENGA TEATRO DE BONECOS COLETIVO LUGAR COMUM	BA CE	ABRIL ABRIL
_ARMATRUX	CE	ABRIL
MOITARÁ	BA	ABRIL
_MOITARÁ	CE	ABRIL
IN CO MO DE-TE	GE CE	ABRIL
AMOK	MT	MAIO
AMOK	SC	MAIO
_AMOK	PE	MAIO
AMOK	RS	MAIO
CAIXA DO ELEFANTE	RS	MAI0
CAIXA DO ELEFANTE	MT	MAI0
CAIXA DO ELEFANTE	PE	MAIO
TEATRO INDEPENDENTE	Pl	MAIO
TEATRO INDEPENDENTE	PE RS	MAIO MAIO
TEATRO INDEPENDENTE TEATRO INDEPENDENTE	MT	MAIO
CIA. POLICHINELO	AC	MAIO
CIA. POLICHINELO	RS	MAIO
CIA. POLICHINELO	PF	MAIO
CIA. POLICHINELO	MG	MAIO
CIA. POLICHINELO	GO	MAIO
CIA. POLICHINELO	EESP	MAIO
CIA. POLICHINELO	MT	MAIO
GRUPO DELÍRIO	MT	MAI0
GRUPO DELÍRIO	RS	MAIO
GRUPO DELÍRIO	PE	MAIO

Grupo	Regional	Mês
CORPO DE DANÇA DO AMAZONAS	MT	MAIO
CORPO DE DANÇA DO AMAZONAS	RS	MAIO
CORPO DE DANÇA DO AMAZONAS	PE	MAIO
PERSONA CIA. DE TEATRO & TEATRO EM TRÂMITE PERSONA CIA. DE TEATRO & TEATRO EM TRÂMITE	EESP MT	MAIO MAIO
PERSONA CIA. DE TEATRO & TEATRO EM TRAMITE PERSONA CIA. DE TEATRO & TEATRO EM TRÂMITE	PE	MAIO
PERSONA CIA. DE TEATRO & TEATRO EM TRÂMITE	RS	MAIO
CIA. DITA	PE	MAIO
CIA. DITA	MT	MAIO
CIA. DITA	RS	MAIO
CIA. DO TIJOLO	AP	MAIO
CIA. DO TIJOLO	MT	MAIO
CIA. DO TIJOLO	PE	MAIO
CIA. DO TIJOLO	MG	MAIO
CIA. DO TIJOLO	RS	MAIO
NAMAKACA	DF	MAIO
NAMAKACA	MT	MAIO
NAMAKACA	MA	MAIO
NAMAKACA	PE	MAIO
NAMAKACA	RS	MAIO
NAMAKACA	SC	MAIO
MÃO MOLENGA TEATRO DE BONECOS	RS	MAIO
MÃO MOLENGA TEATRO DE BONECOS	SC	MAIO
MÃO MOLENGA TEATRO DE BONECOS	PE	MAIO
MÃO MOLENGA TEATRO DE BONECOS	MT	MAIO
COLETIVO LUGAR COMUM	MT	MAIO
COLETIVO LUGAR COMUM	RS	MAIO
COLETIVO LUGAR COMUM	SC	MAIO
COLETIVO LUGAR COMUM	MG	MAIO
COLETIVO LUGAR COMUM ARMATRUX	ESEM DF	MAIO MAIO
ARMATRUX	MT	MAIO
ARMATRUX	PF	MAIO
ARMATRUX	RS	MAIO
MOITARÁ	PE	MAIO
MOITARÁ	MT	MAIO
MOITARÁ	RS	MAIO
IN.CO.MO.DE-TE	RS	MAIO
IN.CO.MO.DE-TE	MT	MAIO
IN.CO.MO.DE-TE	PE	MAIO
AMOK	RS	JUNHO
AMOK	PR	JUNHO



Grupo	Regional	Mês
AMOK .	MS	JUNH0
CIA. DO TIJOLO	MS	JUNH0
CIA. DO TIJOLO	RS	JUNHO
NAMAKACA	SC	JUNH0
NAMAKACA	EESP	JUNHO
NAMAKACA	TO	JUNH0
NAMAKACA	MS	JUNH0
NAMAKACA	PA	JUNH0
NAMAKACA	AP	JUNHO
NAMAKACA	AC	JUNH0
COLETIVO LUGAR COMUM	AM	JUNH0
COLETIVO LUGAR COMUM	RR	JUNH0
ARMATRUX	ESEM	JUNH0
ARMATRUX	PR	JUNH0
MOITARÁ	MA	JUNH0
AMOK	MS	JULH0
AMOK	GO	JULHO
AMOK	RN	JULH0
AMOK	DF	JULHO
CAIXA DO ELEFANTE	DF	JULH0
TEATRO INDEPENDENTE	DF	JULHO
IMBUAÇA	DF	JULH0
CIA. POLICHINELO	DF	JULHO
GRUPO DELÍRIO	DF	JULH0
CIA. DO TIJOLO	RS	JULHO
NAMAKACA	AL	JULH0
ARMATRUX	BA	JULH0
ARMATRUX	PB	JULH0

Grupo	Regional	Mês
MOITARÁ IN.CO.MO.DE-TE	DF DF	JULHO JULHO
AMOK	SP	AGOSTO
AMOK AMOK	PR ESEM	AGOSTO AGOSTO
CAIXA DO ELEFANTE	GO	AGOSTO
CAIXA DO ELEFANTE CAIXA DO ELEFANTE	TO ES	AGOSTO AGOSTO
CAIXA DO ELEFANTE	ESEM	AGOSTO
CAIXA DO ELEFANTE CAIXA DO ELEFANTE	MG SP	AGOSTO AGOSTO
CAIXA DO ELEFANTE	BA	AGOSTO AGOSTO
TEATRO INDEPENDENTE	PR	AGOSTO
TEATRO INDEPENDENTE TEATRO INDEPENDENTE	PE SP	AGOSTO AGOSTO
IMBUAÇA	SP	AGOSTO
IMBUAÇA IMBUACA	PR AP	AGOSTO AGOSTO
IMBUAÇA	PE	AGOSTO
IMBUAÇA CIA. POLICHINELO	MT SP	AGOSTO AGOSTO
CIA. POLICHINELO	PR	AGOSTO AGOSTO
CIA. POLICHINELO GRUPO DELÍRIO	SP	AGOSTO AGOSTO
GRUPO DELÍRIO	PR SP	AGOSTO AGOSTO
CORPO DE DANÇA DO AMAZONAS	PR	AGOSTO
CORPO DE DANÇA DO AMAZONAS PERSONA CIA. DE TEATRO & TEATRO EM TRÂMITE	SP SP	AGOSTO AGOSTO
PERSONA CIA. DE TEATRO & TEATRO EM TRÂMITE	PR	AGOSTO AGOSTO
CIA, DITA	ES PE	AGOSTO AGOSTO
CIA. DITA	SP	AGOSTO
CIA. DITA CIA. DITA	PR AL	AGOSTO AGOSTO
CIA. DITA	PA	AGOSTO AGOSTO
CIA, DITA CIA, DO TIJOLO	MG SP	AGOSTO AGOSTO
CIA. DO TIJOLO	PR	AGOSTO AGOSTO
NAMAKACA	PR	AGOSTO
NAMAKACA MÃO MOLENGA TEATRO DE BONECOS	SP PR	AGOSTO AGOSTO
MÃO MOLENGA TEATRO DE BONECOS	SP	AGOSTO
COLETIVO LUGAR COMUM COLETIVO LUGAR COMUM	ES SP	AGOSTO AGOSTO
COLETIVO LUGAR COMUM	PR	AGOSTO
ARMATRUX	CE	AGOSTO

Grupo	Regional	Mês
ARMATRUX ARMATRUX	PR SP	AGOSTO AGOSTO
MOITARÁ	PR	AGOSTO AGOSTO
MOITARÁ	SP	AGOSTO
IN.CO.MO.DE-TE	ES	AGOSTO
IN.CO.MO.DE-TE	SP	AGOSTO AGOSTO
IN.CO.MO.DE-TE	PR	AGOSTO AGOSTO
IN.CO.MO.DE-TE	ESEM	AGOSTO AGOSTO
AMOK	SC	SETEMBRO
AMOK	RO	SETEMBRO
CAIXA DO ELEFANTE	BA	SETEMBRO
CAIXA DO ELEFANTE	MS	SETEMBRO
CAIXA DO ELEFANTE	RO RO	SETEMBRO
CAIXA DO ELEFANTE	SC	SETEMBRO
TEATRO INDEPENDENTE	SC	SETEMBRO
TEATRO INDEPENDENTE	RO	SETEMBRO
IMBUAÇA	RO	SETEMBRO
IMBUAÇA	AC	SETEMBRO
IMBUAÇA	ESEM	SETEMBRO
IMBUAÇA IMBUAÇA	SC PB	SETEMBRO SETEMBRO
CIA. POLICHINELO	SC	SETEMBRO
CIA. POLICHINELO	RO	SETEMBRO
GRUPO DELÍRIO	CE	SETEMBRO
GRUPO DELÍRIO	PI	SETEMBRO
GRUPO DELÍRIO	SC	SETEMBRO
GRUPO DELÍRIO	RO	SETEMBRO
CORPO DE DANÇA DO AMAZONAS	RO	SETEMBRO
CORPO DE DANÇA DO AMAZONAS	RS	SETEMBRO
CORPO DE DANÇA DO AMAZONAS	SC	SETEMBRO
PERSONA CIA. DE TEATRO & TEATRO EM TRÂMITE	RO	SETEMBRO
PERSONA CIA. DE TEATRO & TEATRO EM TRÂMITE	SC	SETEMBRO
CIA. DITA	MG	SETEMBRO
CIA. DITA	SC	SETEMBRO
CIA. DITA	ESEM	SETEMBRO
CIA. DITA	RO	SETEMBRO
CIA. DITA	MS	SETEMBRO
CIA. DITA	MT	SETEMBRO
CIA. DO TIJOLO	SC	SETEMBRO
NAMAKACA	SC	SETEMBRO



Grupo	Regional	Mês
NAMAKACA MÃO MOLENGA TEATRO DE BONECOS	RO RO	SETEMBRO SETEMBRO
MÃO MOLENGA TEATRO DE BONECOS MÃO MOLENGA TEATRO DE BONECOS	SC RR	SETEMBRO SETEMBRO
COLETIVO LUGAR COMUM	RO	SETEMBRO
COLETIVO LUGAR COMUM ARMATRUX	SC CE	SETEMBRO SETEMBRO
ARMATRUX	RO	SETEMBRO
ARMATRUX MOITARÁ	SC RO	SETEMBRO SETEMBRO
MOITARÁ MOITARÁ	SC ESEM	SETEMBRO SETEMBRO
MOITARÁ IN.CO.MO.DE-TE	PB AM	SETEMBRO SETEMBRO
IN.CO.MO.DE-TE	RO	SETEMBRO
IN.CO.MO.DE-TE IN.CO.MO.DE-TE	CE MT	SETEMBRO SETEMBRO
IN.CO.MO.DE-TE	SC	SETEMBRO
AMOK AMOK	SE ESEM	OUTUBRO OUTUBRO
CAIXA DO ELEFANTE	SC	OUTUBRO
TEATRO INDEPENDENTE TEATRO INDEPENDENTE	BA PB	OUTUBRO OUTUBRO
TEATRO INDEPENDENTE	MA	OUTUBRO
IMBUAÇA IMBUAÇA	RN BA	OUTUBRO OUTUBRO
IMBUAÇA _CIA. POLICHINELO	MA BA	OUTUBRO OUTUBRO
CIA. POLICHINELO	PE	OUTUBRO
GRUPO DELÍRIO	MS	OUTUBRO
GRUPO DELÍRIO GRUPO DELÍRIO	MG ES	OUTUBRO OUTUBRO
GRUPO DELÍRIO	PB	OUTUBRO
GRUPO DELÍRIO	PE	OUTUBRO
CORPO DE DANÇA DO AMAZONAS CORPO DE DANCA DO AMAZONAS	BA SC	OUTUBRO OUTUBRO
CIA. DITA	ESEM	OUTUBRO
CIA. DO TIJOLO	RO	OUTUBRO
NAMAKACA	BA SE	OUTUBRO
NAMAKACA MÃO MOLENGA TEATRO DE BONECOS	SE RR	OUTUBRO OUTUBRO
MÃO MOLENGA TEATRO DE BONECOS	PI	OUTUBRO
MÃO MOLENGA TEATRO DE BONECOS MÃO MOLENGA TEATRO DE BONECOS	SE MA	OUTUBRO OUTUBRO
COLETIVO LUGAR COMUM COLETIVO LUGAR COMUM	SE MA	OUTUBRO OUTUBRO

Grupo	Regional	Mês
MOITARÁ MOITARÁ	MG GO	OUTUBRO OUTUBRO
MOITARÁ	SC	OUTUBRO
_MOITARÁ	ESEM	OUTUBRO
MOITARÁ	TO	OUTUBRO
IN.CO.MO.DE-TE	SC	OUTUBRO
CAIXA DO ELEFANTE	ESEM	NOVEMBRO
TEATRO INDEPENDENTE	ESEM	NOVEMBRO
IMBUAÇA	CE	NOVEMBRO
IMBUAÇA	ESEM	NOVEMBRO
CIA. POLICHINELO CIA. POLICHINELO	ESEM	NOVEMBRO
GRUPO DELÍRIO	CE AL	NOVEMBRO NOVEMBRO
_GRUPO DELÍRIO	AP	NOVEMBRO
GRUPO DELÍRIO	RS	NOVEMBRO
GRUPO DELÍRIO	ESEM	NOVEMBRO
GRUPO DELÍRIO	TO	NOVEMBRO
GRUPO DELÍRIO	EESP	NOVEMBRO
CORPO DE DANÇA DO AMAZONAS	ESEM	NOVEMBRO
CORPO DE DANÇA DO AMAZONAS	RO	NOVEMBRO
PERSONA CIA. DE TEATRO & TEATRO EM TRÂMITE	ESEM	NOVEMBRO
CIA. DO TIJOLO CIA. DO TIJOLO	ESEM CE	NOVEMBRO NOVEMBRO
NAMAKACA	ESEM	NOVEMBRO
NAMAKACA	CE	NOVEMBRO
MÃO MOLENGA TEATRO DE BONECOS	MA	NOVEMBRO
MÃO MOLENGA TEATRO DE BONECOS MÃO MOLENGA TEATRO DE BONECOS	PA PR	NOVEMBRO NOVEMBRO
MÃO MOLENGA TEATRO DE BONECOS MÃO MOLENGA TEATRO DE BONECOS	MT ESEM	NOVEMBRO NOVEMBRO
MÃO MOLENGA TEATRO DE BONECOS	ES	NOVEMBRO
COLETIVO LUGAR COMUM	CE	NOVEMBRO
COLETIVO LUGAR COMUM	ESEM	NOVEMBRO
ARMATRUX	ESEM	NOVEMBRO
MOITARÁ	TO TO	NOVEMBRO
MOITARÁ	AM	NOVEMBRO
MOITARÁ	AC	NOVEMBRO
MOITARÁ MOITARÁ	CE RN	NOVEMBRO NOVEMBRO
IN.CO.MO.DE-TE	PR	NOVEMBRO
IN.CO.MO.DE-TE	ESEM	NOVEMBRO
CORPO DE DANÇA DO AMAZONAS	RO	DEZEMBRO
MOITARÁ	PE	DEZEMBRO

PARALELAS ATIVIDADES

OFICINAS

Ação formativa a partir de técnicas e processos criativos, aberta ao público interessado. Em 2011, serão realizadas 1.730 horas/aula.

ALDEIA

Mostra local de artes cênicas e cultura, visitada pelo Palco Giratório (total de 41 aldeias anuais).

INTERCÂMBIO

Encontro entre um grupo do
Palco Giratório e um grupo local para
troca de ideias, experiências, técnicas,
metodologias, processos criativos e muito
mais (total de 15 intercâmbios).
É fundamental que os integrantes
de cada grupo assistam aos espetáculos
uns dos outros.

FESTIVAL PALCO GIRATÓRIO BRASIL

30 dias de programação com todos os espetáculos da edição nacional do Palco Giratório, além de participação de espetáculos locais. São 9 festivais que acontecem nas seguintes cidades: Fortaleza, Recife, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Velho e Curitiba.

PENSAMENTO GIRATÓRIO

Espaço para reflexão e discussão aberto ao público com participação de um grupo do Palco Giratório e de um convidado especial (total de 33 painéis).



GRUPOS E ESPETÁCULOS QUE JÁ PASSARAM PELO PALCO GIRATORIO

1998 ANTIMATÉRIA/Ana Vitória Dança Contemporânea (RJ) • OUT-CRY/Armazém Companhia de Teatro (RJ) • O AUTO DA BARCA DO INFERNO/Grupo Imbuaça (SE) • O MÉDICO CAMPONÊS/Companhia de Teatro Medieval (RJ) • RODA SAIA GIRA VIDA/Teatro do Anônimo (RJ) • A CONFISSÃO DE LEONTINA/Olair Coan (SP)

1999 MUNDÉU: O SEGREDO DO MUNDO/Usina do Trabalho do Ator (RS) • AS KAMIKASES/Companhia de Atores (PR) • A HORA DA ESTRELA/Cia. do Acaso (MG) • A SERPENTE/Cia. do Pequeno Gesto (RJ) • DOMÉSTICAS/Renata Melo (SP) • A BOTA E SUA MEIA/Cia. Faces e Carretos (RS) • A SUA MELHOR COMPANHIA/Companhia do Público (RJ)

2000 CORTEJO BRINCANTE ABAYOMI/Cooperativa Abayomi (RJ) • UM CREDOR DA FAZENDA NACIONAL/Cia. São Jorge de Variedades (SP) • POIS É, VIZINHA/Débora Finocciaro (RS) • PEQUENOS TRABALHOS PARA VELHOS PALHAÇOS/Engenho Produções Artísticas (RJ) • O AUTO DO ESTUDANTE QUE SE VENDEU AO DIABO/Grupo Grial de Dança (PE) • UM QUARTO DE CRIME E CASTIGO/Mameluco Produções Artísticas (RJ)

2001 INSÔNIA/4 Produções Teatrais (BA) • POR ÁGUA ABAIXO/Ângela Dipp & Vivien Buckup (SP) • AVESSO DAS ÁGUAS/Beatriz Sayad & Danielle Barros (RJ) • CLARICES/Núcleo Solidário de Produções Artísticas (BA) • O DUELO/Artistas Independentes (PE) • O AUTO DO BOI CASCUDO/Grupo Boi Cascudo (RJ) • A COMÉDIA DO TRABALHO/Cia. do Latão (SP) • AS VELHAS/Grupo de Teatro Contratempo (PB) • A SAGA DE JORGE/Grande Companhia Brasileira Mystérios e Novidades (RJ) • AQUILO DE QUE SOMOS FEITOS/Lia Rodrigues Companhia de Dança (RJ) • O MISTÉRIO DAS NOVE LUAS/Grupo Vento Forte (SP) • CHEGANÇA/Companhia de Dança Paula Nestorov (RJ) • O CANO/Circo Teatro Udi Grudi (DF)

2002 BISPO/João Miguel (BA) • BUGIARIA/A Péssima Companhia (RJ) • LIVRES E IGUAIS/Grupo de Teatro do Por Que Não?! (RJ) • CONSTRUÇÕES/Patrícia Niedermeier e Oscar Saraiva (RJ) • CUANDO TU NO ESTÁS/Grupo Sete Luz (SP) • A TERCEIRA MARGEM DO RIO/Guido Campos (GO) • ROSA + LISPECTOR: SOLOS/Studio Stanislavski (RJ) • MATULÃO/Trupe do Passo (RJ) • STELLA DO PATROCÍNIO/Clarisse Baptista (AC) • A SAGA DE CANUDOS/Tribo de atuadores Ói Nóis Aqui Traveis (RS)

2003 ENCAIXOTANDO SHAKESPEARE, NEPAL, FREDERICA, APARTAMENTO 501/Teatro Fúria (MT) • LUSCO-FUSCO/Cia. Absurda & Cia. Acômica (MG) • TEMPESTADES DE PAIXÃO/Grupo Theatrum do Tambo (RS) • A ESCRITA DE BORGES/MITHOLOGIAS DO CLÃ, WWW. PROMETEU, LA LOBA: A FÁBULA DA PERVERSIDADE/Grupo Falus & Stercus (RS) • A DIVINA COMÉDIA DE DANTE A MOACIR/Associação de Teatro Radicais Livres (CE) • PARA ACABAR DE VEZ COM O JULGAMENTO DE ARTAUD/Grupo Cambaleei, Mas Não Caí (RJ) • O LUSTRE/Ateliê Voador Companhia de Teatro (RJ) • OS CAMARADAS/Cia. Carona de Teatro (SC) • FOLIÕES E FOLGAZÕES/Mamulengo Só-Riso (PE) • O PREGOEIRO/Grupo Mundo Ao Contrário (RJ) • KASSANDRA *IN PROCESS*, AOS QUE VIRÃO DEPOIS DE NÓS, A SAGA DE CANUDOS/Tribo de atuadores Ói Nóis Aqui Traveis (RS) • NÓS VIEMOS AQUI PRA QUÊ?/Fuzarca da Lira (RJ) • SONORIDADES/Esther Weitzman Companhia de Dança (RJ) • A LA CARTE/La Mínima (SP)

2004 O TERCEIRO DIA/Engenho de Teatro (PE) • O VELHO DA HORTA/Cia. Pequod (RJ) • VOLTA AO DIA EM 80 MINUTOS/Cia. Brasileira de Teatro (PR) • COMO NASCE UM CABRA DA PESTE/Agitada Gang (PB) • FULANO E CICRANO, O MACACO E A BONECA DE PICHE, VICTOR JAMES/Centro Teatral ETC e Tal (RJ) • PRESÉPIO DE HILARIDADES HUMANAS/Maíra Oliveira (DF) • QUAL É A MÚSICA?/Paula Águas (RJ) • UMBI-GUIDADES/Iami Rebouças (BA) • COMBINADO E DILACERADO/Os Dezequilibrados (RJ) • IMAGENS DA QUIMERA/ Grupo Teatral Moitará (RJ) • MEDEIA, NAVALHA NA CARNE, O HOMEM COM FLOR NA BOCA/Teatro Pequeno Gesto (RJ) • NAVE LOUCA/ Grande Companhia Brasileira de Mystérios e Novidades (RJ/SP) • URUBOROS/Núcleo de Dança Contemporânea (DF) • A DANÇA DOS ORIXÁS/Companhia Vatá Bagaceira (CE) • DIZ QUE TINHA E MININIM/Cecília Borges (SP) • NA SOLIDÃO DOS CAMPOS DE ALGODÃO/ Malaguetas Produções Artísticas (RJ) • CARGA VIVA/BUZKASHI/ADELAIDE FONTANA/Erro Grupo de Teatro (SC) • UMA COISA QUE NÃO TEM NOME E QUE SE PERDEU/Cia. de Teatro Autônomo (RJ)

ACORDEI QUE SONHAVA/Núcleo Bartolomeu de Depoimentos (SP) • CIRANDAS/Adriana e Fernando Guimarães (DF) • CARTA DE RODEZ/Amok Teatro (RJ) • LAMPIÃO E MARIA BONITA/Da Rin Produções (BA) • PÁSSARO JUNINO/GARÇA DOURADA/In Bust Teatro de Bonecos (PA) • ROSA NEGRA, UMA SAGA SERTANEJA/Companhia dos Sonhos (DF) • MARIA MADALENA OU A SALVAÇÃO/Cia. Limiar de Teatro (SP) • TRÊS MARUJOS PERDIDOS NO MAR/Irmãos Brothers (RJ) • ESPIRAL BRINQUEDO MEU/Terreiro Produções (PE) • O MURO, RESTIM/Grupo Pedras (RJ) • AUTO DA BARCA DO INFERNO/Grupo Fora do Sério (SP) • CENAS COTIDIANAS@CIRC.PIC/Companhia Picolino (BA) • FALAM AS PARTES DO TODO?/Cia. de Dança Dani Lima (RJ)/• COMOÇÃO, EU SOU MAIS NELSON, POTLATCH/Grupo Alice 118 (RJ) • ESCORIAL/Núcleo de Teatro Criaturas Cênicas (BA)

2006 O NEGRINHO DO PASTOREIO, DEUS E O DIABO NA TERRA DA MISÉRIA/Grupo Oigalê (RS) • QUEM TEM, TEM MEDO!/Grupo Remo (PE) • HOMEM DE BARROS/Grupo Produção do Ator (RJ) • DOIS DE PAUS, DOIS PERDIDOS/Arthur Tadeu Curado e Sérgio Sartório (DF) • ÉDIPO UNPLUGGED, TUDO NO TIMING, A FONTE DOS SANTOS/Grupo F. Privilegiados (RJ) • BABAU OU A VIDA DESEMBESTADA DO HOMEM QUE TENTOU ENGABELAR A MORTE, A CARTOLA ENCANTADA/Grupo Mão Molenga (PE) • JOSÉ ULISSES DA SILVA, SAGRAÇÃO DA VIDA TODA/Cia. Villadança (BA) • SAMBA NO CARNAVAL/Grupo Artistas Independentes (PE) • VOAR: PURO BRASILEIRO/ Cia. Teatral Martim Cererê (GO) • OLYMPIA/Grupo de Teatro Andante (MG) • GRITO VERDE/Companhia de Teatro Amazona (AM) • MUITO BARULHO POR QUASE NADA, RODA CHICO/Grupo de Teatro Clowns de Shakespeare (RN)

2007 APERITIVOS/Grupo Pausa Companhia (PR) • SACY PERERÊ, A LENDA DA MEIA NOITE/Cia. Teatro Lumbra de Animação (RS) • O REALEJO/Grupo Bagaceira de Teatro (CE) • OLHOS DE TOURO/Cia. Márcia Duarte (DF) • O INCRÍVEL LADRÃO DE CALCINHAS/Trip Teatro Animação (SC) • CAPITU, MEMÓRIA EDITADA/Grupo Delírio Cia. de Teatro (SC) • ANTÔNIO MARIA/A NOITE É UMA CRIANÇA/ Núcleo Informal de Teatro (RJ) • O PATINHO FEIO/Grupo Gats (SC) • VIAGEM AO CENTRO DA TERRA/Cia. de Teatro Artesanal (RJ) • GOTA D´ÁGUA: BREVIÁRIO/Cia. Breviário (SP) • AQUELAS DUAS/Grupo Depósito de Teatro (RS) • HISTÓRIAS DE TEATRO E CIRCO/Grupo Carroça de Mamulengos (CE)

2008 A GAIVOTA (ALGUNS RASCUNHOS)/Piollin Grupo de Teatro (PB) • AS QUATRO CHAVES/Teatro Ventoforte (SP) • AMOR E LOUCURA/A Roda Teatro de Bonecos (BA) • BESOURO CORDÃO DE OURO/João das Neves (RJ) • SAUDADE EM TERRAS D´ÁGUA/ Companhia Dos à Deux (RJ) • CASA DE FERRO/Estado Dramático (BA) • DAS SABOROSAS AVENTURAS DE DOM QUIXOTE E SEU ESCUDEIRO SANCHO PANÇA: UM CAPÍTULO QUE PODERIA TER SIDO/Teatro que Roda (GO) • O SAPATO DO MEU TIO/João Lima (BA) • CAATINGA: MINITEATRO ECOLÓGICO/Giramundo (MG) • ENCARNADO/Lia Rodrigues Companhia de Dança (RJ) • ISADORA, ORB, A METÁFORA FINAL/Companhia Arquitetura do Movimento (RJ) • O PORCO/Arquipélago (SP) • O REENCONTRO DE PALHAÇOS NA RUA É A ALEGRIA DO SOL COM A LUA/Companhia Teatral Turma Biribinha (AL) • ADUBO OU A SUTIL ARTE DE ESCOAR PELO RALO/Confraria Teatral Adubo (TUCAN/DF) • CIRCO MINIMAL/Companhia Gente Falante (BA) • CIRCO TEATRO ARTETUDE/Movimento Rua do Circo (DF) • LARVÁRIAS/Companhia do Giro (RS) • O PUPILO QUER SER TUTOR/Companhia Teatro Sim... Por que Não?!!! (SC)

2009 ACQUA TOFFANA/Zeppelin Cia. (RJ) • SAPECADO/Banda Mirim (SP) • DE MALAS PRONTAS/Cia. Pé de Vento Teatro (SC) • CULTURA BOVINA?/Ginga Companhia de Dança (MS) • 100 SHAKESPEARE/Grupo Pia Fraus (SP) • HYSTERIA/Grupo XIX de Teatro (SP) • O HIPNOTIZADOR DE JACARÉS/Circo Teatro Girassol (RS) • DIÁRIO DE UM LOUCO/Grupo de Teatro Lavoura (PB) • O NOME CIENTÍFICO DA FORMIGA/Ângelo Madureira e Ana Catarina Vieira (SP) • RITO DE PASSAGEM/Índios.com Cia. de Dança (AM) • RASIF, MAR QUE ARREBENTA/Coletivo Angu de Teatro (PE) • O SANTO GUERREIRO E O HERÓI DESAJUSTADO/Cia. São Jorge de Variedades (SP) • FILME NOIR/Cia. PeQuod Teatro de Animação (RJ) • A NOITE DOS PALHAÇOS MUDOS/Grupo La Mínima (SP) • MANGIARE/Grupo Pedras (RJ) • SILÊNCIO TOTAL — VEM CHEGANDO O PALHAÇO/Palhaço Xuxu (PB)

2010 A OBSCENA SENHORA D./Circo do Silêncio (SP) • MI MUNHEQUITA/Ponte Cultural (SC) • AGRESTE/Cia. Razões Inversas (SP) • AQUELES DOIS/Cia. Luna Lunera (MG) • CONCEIÇÃO/Grupo Experimental (PE) • DOLORES/Mimulus Cia. de Dança (MG) • ELE PRECISA COMEÇAR/Cia. Folguetes Maravilha (RJ) • ENCANTRAGO/Grupo Expressões Humanas e Teatro Vitrine (CE). • FILHAS DA MATA/O Imaginário (RO) • IDEIAS DE TETO/Sua Cia. de Dança (BA) • MALENTENDIDO/Galharufa Produções (BJ) • O AMARGO SANTO DA PURIFICAÇÃO/Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveis (RS) • OS MENINOS VERDES DE CORA CORALINA/Voar Teatro de Boneços (DF) • PARA LUIS MELO/Marcos Damaceno Cia. De Teatro (PR) • TROPEÇO/Cia. Tato Criação Cênica (PR) • ZERO/Cia. de Teatro Mevitevendo (SP)





Créditos das fotografias

- Pág. 13 Arquivo Corpo de Dança do Amazonas
- Pág. 15 Foto Léo Drumond/Agência Nitro
- Pág. 16 Arquivo Cia. Dita
- Pág. 18 e 21 Arquivo Namakaca
- Pág. 22 Arquivo Imbuaça
- Pág. 24 Arquivo Moitará
- Pág. 29 e 30 Arquivo Amok/O Dragão Fernanda Ramos
- Pág. 30 Arquivo Amok/Kabul Cartas de Rodez
- Pág. 31 Arquivo Amok/Kabul
- Pág. 33 e 34 Arquivo Armatrux/No Pirex/Agência Nitro Bruno Magalhães
- Pág. 34 Arquivo Armatrux/De Banda Pra Lua/Agência Nitro Bruno Magalhães
- Pág. 37 Arquivo Caixa do Elefante/Tecelã Claudio Etges
- Pág. 38 Arquivo Caixa do Elefante/Tecelã Fabiana Beltrame
- Pág. 38 Arquivo Caixa do Elefante/Os Encantadores de História Claudio Etges
- Pág. 41 e 42 Arquivo Cia. Dita/De-Vir
- Pág. 42 Arquivo Cia. Dita/De-Vir / INC.
- Pág. 43 Arquivo Cia. Dita/De-Vir/L´Après Mid D´Un Fauller
- Pág. 45 e 46 Arquivo Cia. Do Tijolo/Concerto de Ispinho e Fulô
- Pág. 46 Arquivo Cia. Do Tijolo/Safadezas de Samba
- Pág. 47 Arquivo Cia. Do Tijolo/Uma Toada Para João e Maria
- Pág. 49 e 50 Arquivo Cia. Polichinelo/Frankenstein
- Pág. 50 Arquivo Cia. Polichinelo/Sob Seus Olhos
- Pág. 51 Arquivo Cia. Polichinelo/Âme Kalulua/Ame rosto
- Pág. 51 Arquivo Cia. Polichinelo/A Lenda das Lágrimas
- Pág. 53, 54, 55 e 57 Arquivo Coletivo Lugar Comum
- Pág. 57 e 58 Arquivo Corpo de Dança do Amazonas/Cabanagem/CDA
- Pág. 59 Arquivo Corpo de Dança do Amazonas/Cabanagem/Mundo da Razão Presente
- Pág. 61 e 62 Arquivo Grupo Delírio/Evangelho Segundo São Mateus Diego Duda
- Pág. 63 Arquivo Grupo Delírio/Kafka
- Pág. 65 e 66 Arquivo Imbuaça/O Mundo Tá Virado
- Pág. 66 Arquivo Imbuaça/Teatro chamado Cordel
- Pág. 67 Arquivo Imbuaça/A Grande Serpente Vinicius Vini
- Pág. 69 Arquivo In.co.mo.de-te/Dentro Fora
- Pág. 70 Arquivo In.co.mo.de-te/Dentro Fora/O Gordo e o magro vão para o céu
- Pág. 71 Arquivo In.co.mo.de-te/Dentro Fora
- Pág. 73 e 75 Arquivo Mão Molenga Teatro de Bonecos
- Pág. 77 e 78 Arquivo Moitará/Quiprocó
- Pág. 79 Arquivo Moitará/Acorda Zé, a comadre ta de pé! Adalberto Lima
- Pág. 81 Arquivo Namakaca/É Nóis na Xita
- Pág. 82 Arquivo Namakaca/É Nóis na Xita Paulo Barbuto
- Pág. 83 Arquivo Namakaca/Besouro Mutante Rafael Kage
- Pág. 85 e 86 Arquivo Persona Cia. De Teatro & Teatro em Trâmite/A Galinha Degolada
- Pág. 89 e 90 Arquivo Independente/Rebu Paula Kossatz
- Pág. 91 Arquivo Independente/Cachorro!